

i
surf
because...

AI wears AI KNOCKOUT boardshort

...what else would i do
in my backyard.

andy irons



billabong.com/br
isurfbecause.com
twitter.com/billabongbrasil
facebook.com/billabongbrasil

SOUTH to SOUTH



southtosouth.com.br



Phantom

BOARDSHORTS



TRUE PERFORMANCE

SKOL A CERVEJA REDONDA DO SURF.

ACESSE AÍ O SITE
SKOL.COM.BR / SURF
TWITTER.COM / SKOLSURF

SE FOR DIRIGIR, NÃO BEBA.





Porta-malas de 1.385 litros

Direção hidráulica

Ar-condicionado

Computador de bordo e I-System

Sensor de chuva

Câmbio automatizado ASG

Retrovisor automático tilt down

Sensor crepuscular

Sensor de estacionamento

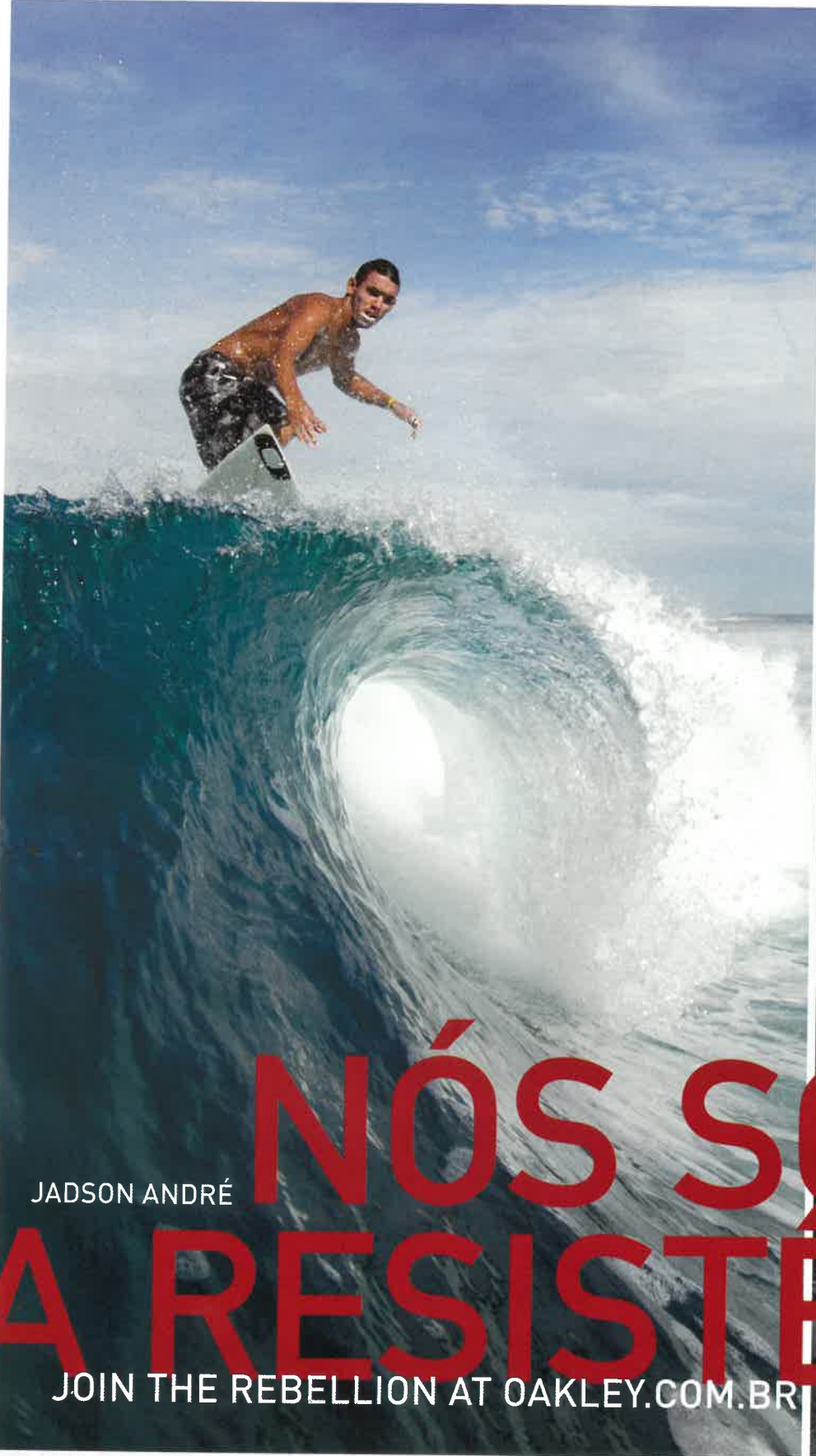


**Novo SpaceFox.
Cabe tudo que você imaginar.**

SpaceFox 1.6 4 portas
A partir de **R\$ 48.790,**
com ar, direção e trio de série.



Das Auto.



JADSON ANDRÉ

NÓS SOMOS A RESISTÊNCIA

JOIN THE REBELLION AT OAKLEY.COM.BR



BROADCAST REVOLUTION BOARDSHORT





EDITORIAL

por Romeu Andreatta

Superação

Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima. Quem já não ouviu esse refrão e não viveu essa situação? Todos! Todo mundo!

A vida se resume em superar desafios, derrotas e limites.

Esse é o tema desta edição #58, que marca o início da comemoração dos 10 anos de ALMA SURF: superação!

Superação é o que me vem na mente e no coração quando começo a elaborar minha carreira, meus projetos, minha vida. Imaginar o surf como esporte, mercado, maneira de viver, entretenimento... Enfim... Como tudo isso se transformou nos últimos 30 anos, somente olhando pelo prisma da superação. Quando comecei a desenhar o projeto ALMA SURF e decidi que o caminho seria expressar o surf pela arte e cultura, e senti-lo como religião, estava claro que começaria um grande processo que exigiria incansáveis tombos e levantadas. E é isso que quero dividir com vocês nesta edição. A volta de Taiu ao mar, absoluta superação... Um cara que está há 18 anos tetraplégico, no mar, nas ondas, no surf... Não preciso me prolongar. A África do Sul, receber o Campeonato Mundial de Futebol da maneira como recebeu, depois do apartheid... No comments... Veja e reflita com esta matéria sensacional que editamos pós-copa.

Andar por cordas entre penhascos e elos. Para quem não conhece, slackline, nova modalidade de esporte de ação, que conta basicamente com o equilíbrio e o autocontrole. Baita superação... Uma retrospectiva da construção do projeto ALMA SURF nestes 10 anos, repletos de experimentalismos e ousadias, que nos custaram boicotes e mais boicotes de grandes players do mercado, comprometidos com a mesmice, com o menos, e somente com o capital. Brigar com poderosos que enxergam a praia e o surf como negócio e não como vida, e, pior ainda, a concorrência, que, além de se pautar em nossas referências e idéias, não cessou um só minuto a estratégia de querer nos diminuir, nos apeguinar, mas não consegue... Vejam nestas 20 páginas um pouco da nossa modesta contribuição para que continuemos a ser referência de um modo de vida. E que com ela melhoramos o mundo, queiram os empresários ou não. Fizemos e nos consolidamos como o maior e melhor grupo de comunicação do segmento nesta década. E estamos prontos para cada vez mais. Cair e levantar. Não se esqueçam que o treino nos aperfeiçoa.

Uma nova realidade vem formando um novo time de big-riders, que agora querem surfar remando o que se acreditava que somente seria possível no tow-in. Mais do que superação, isso é uma SUPER AÇÃO. Caceta! Os caras são insanos, verdadeiros heróis destemidos do mar, inimaginável! Leiam e reflitam o quanto isso demonstra que temos que nos superar. Sempre! Pessoalmente, minha trajetória foi um exercício de cair e levantar, até por ser surfista. Essa realidade sempre me acompanhou. Entretanto, nos últimos anos, tenho vivido grandes oportunidades de fazê-lo, com a minha família, saúde e negócios. Por essa razão me senti preparado para abordar o tema, e também para compartilhar uma convicção: "Nossos limites são bem maiores e amplos do que imaginamos". Nunca desista, sempre acredite em (nada a mais do que não seja) você e sua capacidade de cair e levantar. Não tema. Existem quedas que nos derrubam. Mas sempre existirá uma nova oportunidade de refazer e levantar. Não é, Taiu?

Surfe, ame, medite e supere-se!

Aloha do amigo

Romeu

NIXON

Knowledge is power. The Outsider Tide.



DATE	TIME	WAVE	WIND	SWELL	WAVE	WIND	SWELL
11/11	12:38	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/12	13:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/13	13:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/14	14:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/15	14:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/16	15:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/17	15:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/18	16:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/19	16:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/20	17:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/21	17:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/22	18:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/23	18:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/24	19:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/25	19:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/26	20:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/27	20:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/28	21:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/29	21:30	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5
11/30	22:00	1.5	10	1.5	1.5	10	1.5

Michelle Oscar Andre - 111 5081 27 98



- 18 **SPORT SURF** *Década de transformação* / Reinaldo Andraus
- 22 **SURF MONSTER** *A remada de surf...* / Rodrigo Resende
- 26 **A VOLTA DA REMADA** *Burle e Linden* / Adriano Vasconcellos
- 34 **10 ANOS DE ALMA SURF** *O zen surfismo* / Adriano Vasconcellos
- 40 **ESPECIAL 10 ANOS DE ALMASURF** *O surf como arte e cultura*
- 54 **AFRICA DO MUNDO** *Futebol e J-Bay* / R. Sodré e M. Décourt
- 66 **SUP NOVA YORK CITY** *A remada para o bem* / Alexandra Iarussi
- 72 **A VOLTA DE TAIU BUENO AO MAR** *Superação* / Mariano Kornitz
- 78 **SLACKLINE RIO** *Equilíbrio e movimento* / Diego Barboza
- 84 **MODA SOUTH TO SOUTH** *Verão 2010* / Mauricio Fagundes
- 90 **CASA DE PRAIA** *Iporanga, Guarujá, SP* / Marcio Porto
- 94 **SURF CÓSMICO - SURF ETERNO** *Go Taiu!* / Taiu Bueno

10 ANOS

Dalmasurf E SÉCULO XXI

almasurf

nº 58 setembro / outubro 2010

Improve Produção e Curadoria Editorial SA
 Maria Dias Carvalho
 GEO Eventos SA

Publisher: Romeu Andreatta Filho
Editor: Adriano Vasconcellos vasconcellos@almasurf.com.br
Editor convidado USA: Ben Marcus
Projeto Gráfico e Arte: Naia Ceschin
Coordenador: Felipe Baracchini felipe@almasurf.com.br
Revisão: Francisco José M. Couto
Redação: Alexandra Iarussi e Mariano Kornitz

Colaboradores
Textos:
 Diogo Barboza
 Mauricio Décourt
 Mauricio Fagundes
 Reinaldo Andraus
 Rodrigo Resende
 Rodrigo Sodré
 Taiu Bueno

Fotografias:
 Adelmo Noite
 Alfredo Escobar
 Anselmo Venansi
 Art Brewer
 Carpentier
 Chris Fanning
 Clark Little
 Diana Bueno
 Fred Pompermayer
 Gonzalo Barandian
 Heverton Ribeiro
 Jacques Dekequer
 Jag, Jean-Paul VanSwae

Marcelo Bicudo
 Marcos Vilas Boas
 Maurício Décourt
 Mauricio Pepê
 Michael lallande
 Nick LaVecchia
 Paulo Vainer
 Philip Muller
 Robert Gim
 Roberta Borges
 Rodrigo Sodré
 Sean Davey
 Tara Moller
 Tim McKenna

Comercial: Floriano Sales floriano@almasurf.com.br
Tráfego: João Carlos Ferreira de Araújo
Gerente Financeiro: Fábio Pilch fabio@almasurf.com.br
Distribuição: Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações
Impressão: IBEP Gráfica

Jornalista Responsável:
 Adriano Vasconcellos m18 4570

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Alma Cultural: almasurf@almasurf.com.br
Correspondência: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
 Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060
 Fone: 55 (11) 3744-3711 almasurf@almasurf.com.br
Para assinar: (11) 3744-3711 assinatura@almasurf.com.br
Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

Capa: Composição 2010 anos de ALMASURF.
 Design de Naia Ceschin

www.almasurf.com
www.festivalma.com.br



PEDRO BARROS

MEDALHA DE OURO | X-GAMES | SKATEBOARD PARK
 O PRIMEIRO COMPETIDOR A GANHAR UMA MEDALHA DE OURO NOS X-GAMES NASCIDO DEPOIS QUE O CAMPEONATO TEVE INÍCIO

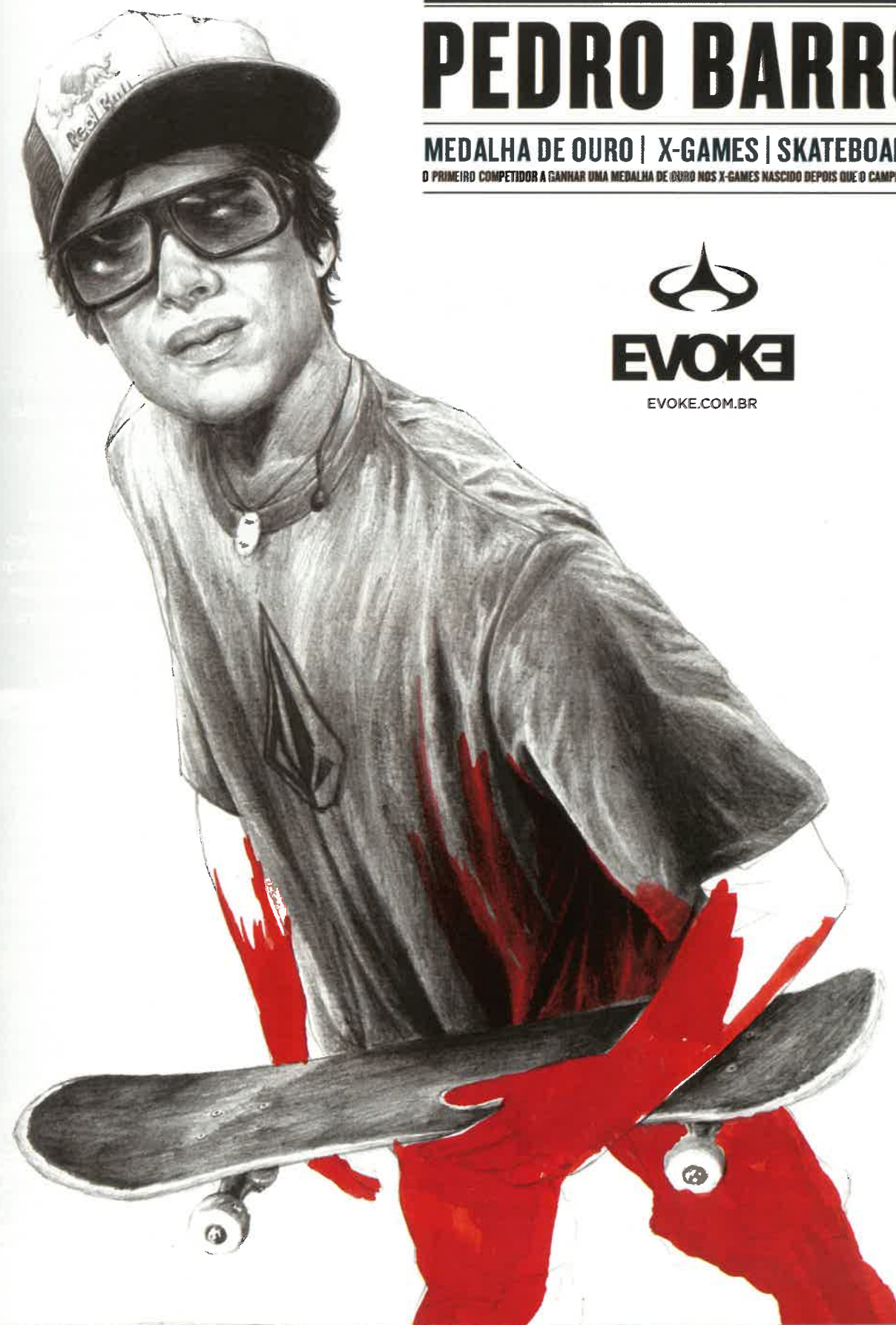


ILLUSTRATION: FELLIPE GONZALES

Adriano de Souza mostra cada vez mais intimidade com as ondas, fruto de investimento e muito treino. Na foto, paulada recente em Trestles, Califórnia

SURF SPORT

por Reinaldo "Dragão" Andraus

DÉCADA DE TRANSFORMAÇÃO

É isso! Aterrissamos nos anos 2000. Vamos flutuar e relaxar rumo ao futuro... Nada disso. Nestes últimos 10 anos, quando achávamos que as transformações no mundo do surf tomariam um passo mais tranquilo, principalmente com relação ao Sport Surf, eis que ao nos aprofundarmos neste contexto, percebemos que tudo toma o mesmo passo frenético, não só desta década, mas deste milênio de estupenda transformação globalizada. Em todas as esferas da evolução humana. Estamos nesta roda viva e é melhor rodopiar com ela. Quer jogar o jogo? É melhor você estar apto a acertar aéreos rodando.

Propulsão e paralelos

Começando pela mola propulsora da evolução do esporte, a competição em seu estado mais avançado, vamos traçar alguns paralelos. Em primeiro lugar voltemos ao ano 2000, ano da gênese da publicação ALMA SURF, um ponto de partida para esta análise. Poucas baterias

eram decididas com manobras aéreas. Neste ano Kelly Slater, o maior parâmetro do esporte competitivo, estava em seu período de recesso competitivo. O "dream tour", em ondas de linha e bancadas ferozes estava em sua fase de depuração. Por outro lado o Brasil classificava o seu recorde de atletas participando da elite: 11 dos Tops 45 eram brasileiros para temporada de 2001. Quase um quarto do contingente. Oito anos antes a ASP havia decidido pela mudança do sistema, dividindo o Circuito Mundial em WCT e WQS (isso foi em 92). Agora, em 2010, estamos fazendo a transição de volta para um ranking único, porém os tops que disputam o título foram reduzidos a apenas 32 surfistas. O corte acabou de ser feito, após a etapa do Tahiti em 2010 e apenas dois brasileiros terão a oportunidade de lutar pelo título mundial desta temporada: Mineirinho e Jadson André. Com certeza nos adaptaremos a este novo formato e partiremos ao ataque. A grande meta de termos um Campeão Mundial Brasileiro... É uma chama que não se extingue. No seio de uma nação apaixonada, que já coloca o surf no topo de suas preferências

Apenas dois brasileiros terão a oportunidade de lutar pelo título mundial desta temporada: Mineirinho e Jadson André. Com certeza nos adaptaremos a este novo formato e partiremos ao ataque. A grande meta de termos um Campeão Mundial Brasileiro... É uma chama que não se extingue.

esportivas, logo após o futebol e o vôlei. Um país banhado pelo Oceano Atlântico de sul a norte. Campeonatos nas praias locais de cada município pipocando não só nos meses de verão, mas durante todas as estações. Campos de provas, como os antigos campos de futebol de várzea, gerando talentos, moldando-os para os parâmetros da competição moderna. Bons olheiros garimpam os talentos colocando-os num trilho (que antes não conhecíamos), mas que agora sabemos de cor e salteado. Uma associação com nosso esporte "rei" não devem cessar aqui... Como nossos jogadores de futebol que acabam ainda garotos deixando o país para subir (ou não) ao estrelato internacional, nossos jovens surfistas em potencial devem fazer mestrado em ondas internacionais. Pegar a linha das ondas do dream tour, para acostumar-se com corais afiados centímetros abaixo da linha d'água. Isso é impraticável surfando apenas as ondas quebradas de nossos cãndidos beach breaks. Só há uma rota: surfar ondas grandes e fortes, que raras vezes temos aqui, mas que farão a diferença no momento de definir um título mundial.



VONZIPPER
DONAVON | GIGGLES



VONZIPPER.COM

IT'S WHO YOU WANT TO BE.....

.....AND THEN SOME.....

SURF SPORT



Maya Gabeira é um dos motivos de orgulho nacional. Dentro e fora do mar, os brasileiros estão na linha de frente das revoluções que rodeiam o surf moderno. Na foto, entrevista durante o XXL. Maya a melhor do mundo!

CRITÉRIOS E MÉTODOS

Hoje um dos mais cortejados, comentados e idolatrados surfistas da nova geração, em termos mundiais, veio da praia de Maresias. Gabriel Medina tem apenas 16 anos, mas já tem um nome na mídia internacional, graças a vitórias e outras exibições convincentes e espetaculares em diversas oportunidades. O surf de Medina vem de encontro aos novos conceitos valorizados pelo quadro de juízes da ASP. Em 2000 ainda eram somadas três ondas em cada bateria. Uma das maiores mudanças no livro de regras, que levaram o surf competitivo a se transformar em algo muito mais espetacular, foi esta redução para apenas duas ondas computadas. Viradas espetaculares e a possibilidade de recuperação em poucos minutos, com duas boas ondas, deram um dinamismo muito maior aos eventos. High scores para ondas de uma única manobra. Agora, na década de 10, o surf que era apresentado principalmente nas Expression Sessions dos anos 90, tomou o palco central dos eventos. Bateria, após bateria em todos os eventos. Quem estiver fora deste novo movimento, está fora do surf moderno. Essa não é a única mudança para a qual aponta o esporte surf nos anos 10, o surf em ondas grandes cresce em duas vertentes: remada e rebocada. Em 2009/10, Carlos Burle sagrou-se o primeiro campeão mundial de um circuito de ondas grandes. Os eventos

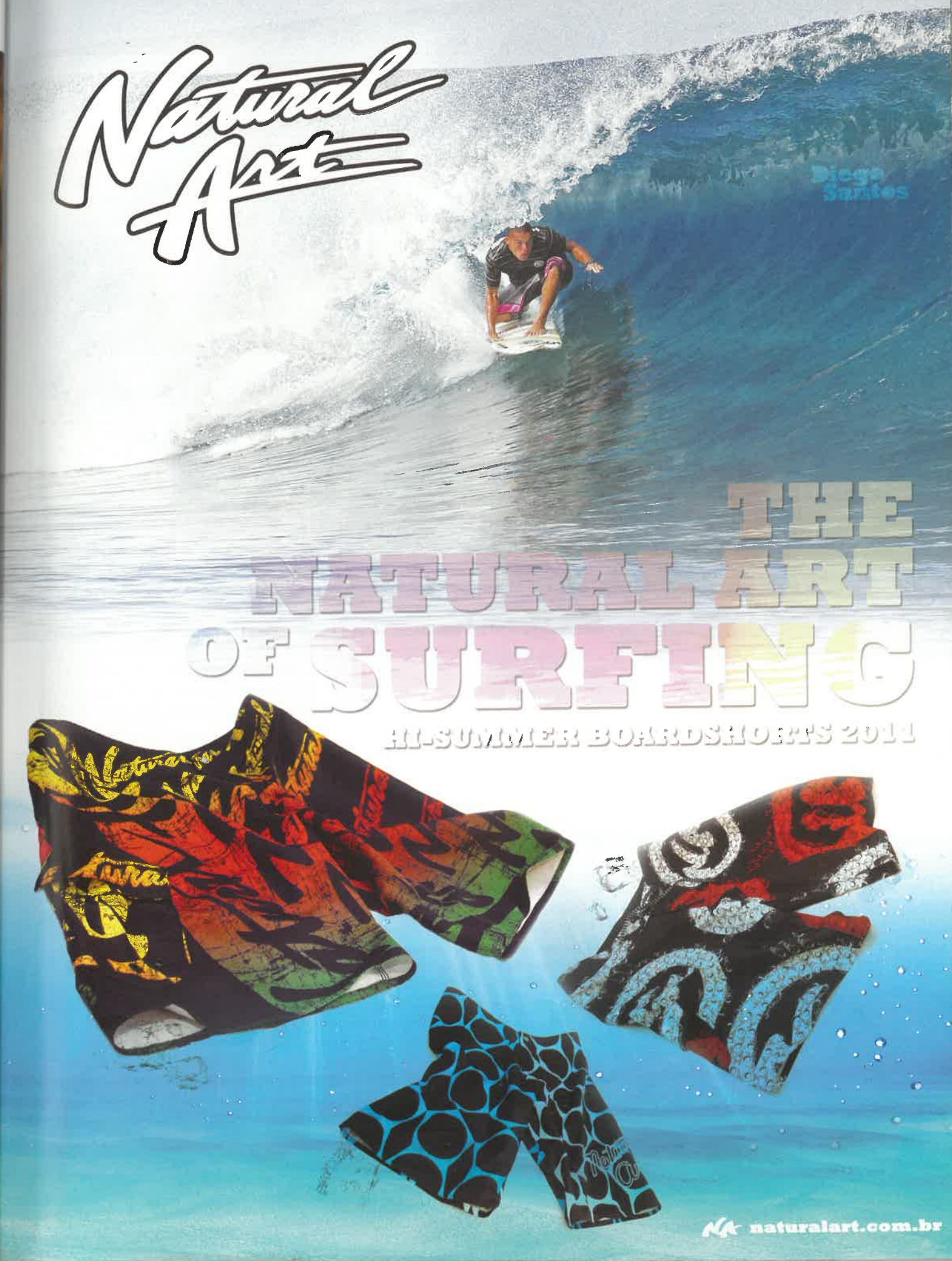
de tow-in tateiam o seu formato ideal e as locações nas quais (com absoluta certeza), ocorrerão os maiores espetáculos de surf de todos os tempos. Na esfera das ondas gigantes a elite dos esportistas brasileiros, watermen, também marcam presença respeitosa. Por quatro anos seguidos Maya Gabeira consagra-se, de forma indisputável, a maior surfista de ondas grandes do planeta. A premiação XXL foi adotada pela Billabong no início da década passada. A cerimônia de premiação se transformou num dos grandes encontros da tribo. Entra aí outro grande ingrediente de transformação do esporte nesta década – os webcasts, ou as transmissões via internet. Este fenômeno também transformou a forma pela qual podemos aquilatar o sucesso de um evento de surf neste novo milênio. Audiência virtual. Vale ressaltar que todo o sistema utilizado para computadorizar o julgamento do surf, tirar o método de tabulação de notas da idade da pedra e da unha, para o sistema atual e depois toda a transição para colocar estas notas e as imagens das baterias na sua casa, na tela do seu computador, foi concebida pela equipe de Mano Ziul, um crânio da computação que vem de Niterói, no Rio de Janeiro. Hoje uma equipe gigantesca trabalha nas etapas mais importantes do calendário da ASP. Uma parafernália digna das grandes transmissões de eventos esportivos da NFL estava instalada

para o US Open, em Huntington Beach, o resultado pode ser captado na sua residência, no trabalho, em iPhones... Onde quer que haja um sinal. Revolução, dentro e fora da água. Se nestes 10 últimos anos a expansão do surf se deu de forma tão espantosa... Podemos ficar imaginando o que ocorrerá daqui para frente. Nos anos 20, a que patamares poderão chegar? Bem, isto será assunto para as próximas colunas. A celebração do décimo aniversário da ALMA SURF não termina por aqui.

O sistema utilizado para computadorizar o julgamento do surf, foi concebido pela equipe de Mano Ziul, um crânio da computação que vem de Niterói, RJ. Hoje uma equipe gigantesca trabalha nas etapas mais importantes do calendário da ASP. Uma parafernália digna das grandes transmissões de eventos esportivos, para o resultado ser captado na sua residência, no trabalho, em iPhones... Onde quer que haja um sinal.

Natural Art

Diego Santos



MONSTER SURF

RODRIGO
Resende

Rodrigo Resende desliza durante
tow surf em Maresias,
São Sebastião, São Paulo.
Na remada ou no Tow in:
o importante é se divertir...

Remada de surf

**A remada de surf em ondas grandes...
O que leva alguém a surfar ondas
grandes?**

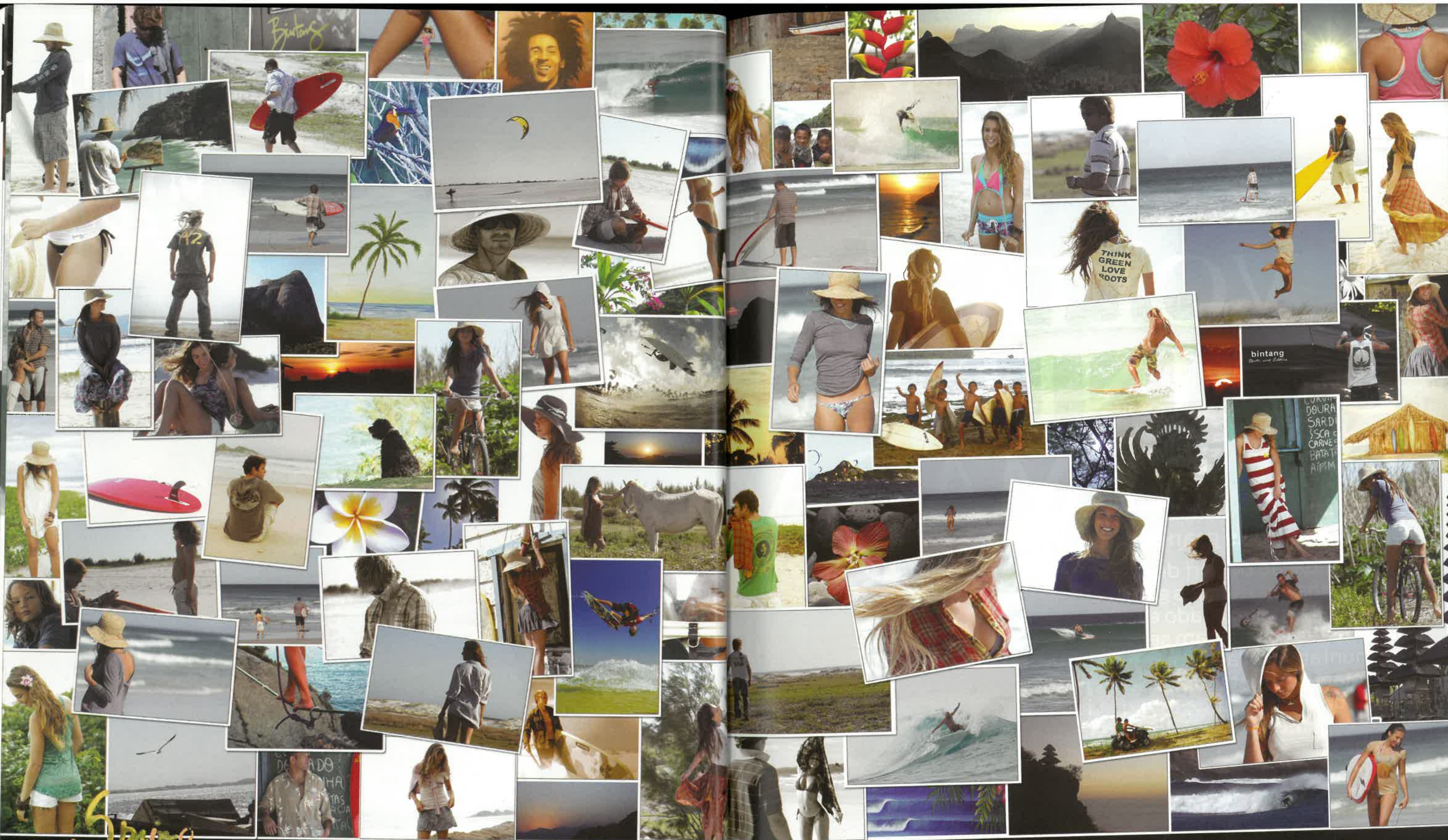
Já me fizeram essa pergunta inúmeras vezes. E baseado em reflexões pessoais, sempre tento passar o que sinto no meu eu mais profundo. O que posso dizer é que as sensações de adrenalina no momento de entrar no mar e varar a arrebentação ao encontro das ondas é algo indescritível, difícil de explicar em palavras. A interação com a natureza é algo muito forte. E o importante então não é o que sinto. Eu deveria falar naqueles momentos de calma total, no que diz respeito ao ser, observando a série entrar... Se posicionar e se colocar em harmonia com o mar em estado de espírito pleno com o surf. A explosão da remada, o frio na barriga do drop, a pressão nas pernas na cavada e o prazer de completar a onda toda até o canal fazem parte do valor absoluto do surf. Mas surf é muito mais do que isso. Vai além... Uma das primeiras histórias de que tomei conhecimento e provocou um choque nos meus pensamentos aconteceu com dois amigos que ultrapassaram os line-ups de Sunset, no Havaí, em um dia meio storm. O mar subiu repentinamente e o cenário mudou por completo, com os dois sumindo no outside em meio às cabeças d'água. Os surfistas passaram por um baita apuro e tiveram que sair por Waimea.

No caminho ingrato até Waimea Bay, séries cada vez maiores chegavam explodindo sobre a costa, e apenas um dos surfistas conseguiu chegar até a praia. O outro sumiu no oceano Pacífico, e nunca mais se teve notícia... do corajoso, mas mal preparado surfista. Histórias interessantes de desafio, drama e até fatais mexem com o nosso sistema nervoso e sempre estão presentes no surf de ondas grandes, seja na remada ou no tow-in, que explora ainda mais os limites. Eu poderia agora citar vários nomes de excelentes surfistas que morreram tentando estender o embate com a natureza. Está provado que no tow-in não há limites para se atirar em ondas de 80, 100, 120 pés, não importa o tamanho. A máquina (jet-ski), pelo menos no que se tentou até o presente momento, coloca o homem onde ele quer com alguma habilidade. Mas qual é o limite do surf na remada? Sempre gostei das ondas grandes. E o que eu mais gostava de ver e ler nas revistas eram as impactantes morras de Waimea, quando estavam gigantes, fechando a baía. Depois, fiquei vidrado em ondas como Mavericks (CA), Pico Alto (Peru) e Todos Santos (México). Ondas fortes, boas para surfar e se testar. Corri também em busca de novas ondas na Austrália, África do Sul, Irlanda e no Tahiti. Sem contar o fascínio por

**Todos querem descer a maior
onda, estabelecer novos
recordes e ter números para
mostrar. A competição está
muito acirrada, até entre as
próprias duplas do tow. Mas,
espero que os verdadeiros big
riders não se esqueçam que a
maior onda está dentro de nós.**

Jaws, que separa os homens das crianças. A busca de ondas grandes está apenas no começo... Temos agora um Circuito Mundial, algo com que eu sonhava há tempos, desde que corri o Tow-in World Cup. É bonito de ver o esporte crescendo na companhia de novas tecnologias. A performance na onda melhorou, a preocupação com o preparo físico e mental idem. A pressão sobre o surfista cresceu de forma monstruosa, como uma massa d'água salgada lançada como uma parede sobre cabeças – tanto pela mídia como pelos patrocinadores e pelo próprio ego. Todos querem descer a maior onda, estabelecer novos recordes e ter números para mostrar. A competição está muito acirrada, até entre as próprias duplas do tow. Mas espero que os verdadeiros big-riders não se esqueçam que a maior onda está dentro de nós. O importante é se divertir.

SANTA MÁRIA



Spring
2010

Bintang House Joatinga - Rio de Janeiro - Tel: (21) 3579-5418 • Bintang Búzios - Tel: (22) 2623-2067 • Bintang Salvador - Tel: (71) 9976-9389

Franquia e Multimarcas: bintang@bintang.com.br

www.bintang.com.br



A VOLTA DEFINITIVA DA REMADA

O surf de ondas grandes nos holofotes do mundo

A consolidação do surf de remada em ondas cada vez maiores ganha olhares mundiais. Um destacado e seletivo grupo de surfistas consolidam seus nomes em montanhas d'água que se formam pelo planeta e fortalecem a ascensão do esporte. Um circuito mundial foi criado, e o monitoramento aos grandes swells se intensifica. Mas a questão agora é: "Quanto o homem suporta surfar no braço?"

Carlos Burle e Gary Linden respondem, entenda o tamanho da responsabilidade.

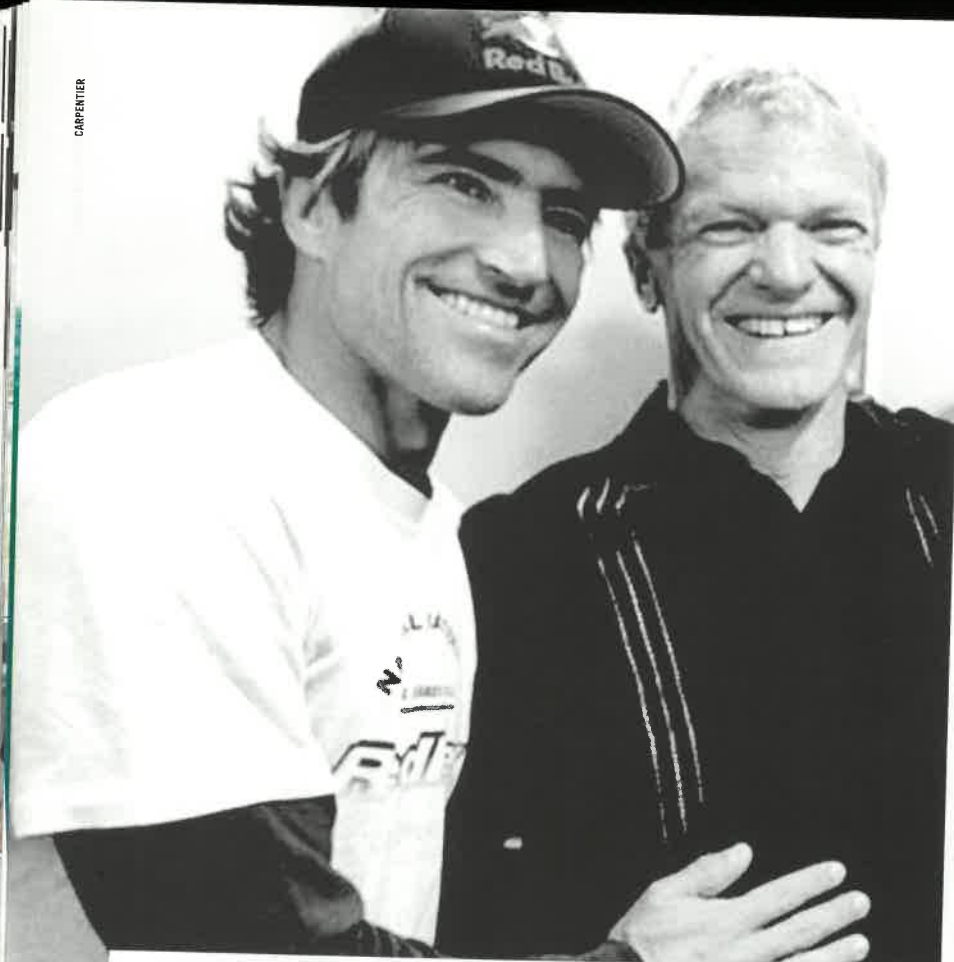
por Adriano Vasconcellos

fotos Escobar, Carpentier, Barandiaran / BWWT



Rafael Valverde surfa no braço um Pico Alto parrudo, durante etapa peruana no BWWT.

O peruano é um dos muitos exemplos de surfistas corajosos espalhados pelo planeta



Ponderar limites: "Quanto o homem suportaria surfar no braço?"

Essa é a questão atual vivida pelo surf de ondas grandes nestas temporadas de 2009/10 e 2010/11. A nova consolidação dos parâmetros do esporte alçou mais uma vez os limites para cima. Os big-riders estão alertas para romper a sensação de adrenalina atingida, e a cada swell promovem estruturadas investidas em viagens e sessões de big surf que tornam um seleto grupo de surfistas uma espécie de cavaleiros medievais que enfrentam as bestas. Surfistas como Greg Long, Mark Healey, Grant Baker e Carlos Burle são alguns poucos exemplos que ditam os caminhos desse fenômeno que se estabeleceu com padrões altamente difíceis.

A busca desses novos tempos mudou os rumos. Como numa leitura de tendências, um inteligente circuito mundial de ondas grandes foi criado, o BWWT (Big Wave World Tour). O primeiro tour oficial, com etapas e julgamentos criteriosos, norteou os competidores e a mídia, que enxergou, além do desafio, a luz real de entretenimento e exposição que promove o esporte. Nisso tudo estão os limites dos atletas. O quanto eles agüentam? O que eles estão querendo?

Gary Linden, 60 anos, lendário precursor do esporte e um reconhecido expedicionário, envolvido no passado com a criação da própria ASP – Association of Surfing Professionals, que hoje comanda como a principal organização do surf profissional, entre outros feitos importantes em meio a drops de 50 pés, diz que chegou a hora do surf de ondas grandes tomar corpo definitivo na grande mídia, e que realmente os níveis do desafio homem versus natureza vão mudar. "O surf de ondas grandes na remada está com tudo, vivemos uma ótima fase. Os surfistas aprenderam pelo tow-in o que eles conseguem suportar em termos de vacas e dificuldades dentro do mar. E do que eles precisam em termos de equipamentos para pegar ondas absurdas. Agora, a questão se vira para saber o quanto se suporta surfar na remada."

Linden, velho conhecido dos brasileiros – morou em Saquarema na efervescente década de 70 do Rio de Janeiro – , vê a criação do Tour Mundial como o início de uma nova era. "O BWWT permitirá aos surfistas de onda grandes construir carreiras, ter o devido reconhecimento e status. Com mais dinheiro e investimentos, esses homens serão capazes de ir sempre além dos limites do esporte, hoje ainda fora de alcance. E dessa forma inspirar gerações e gerações com seus feitos, assim como fizeram Eddie Aikau, Greg Noll, Laird Hamilton e outros."



Carlos Burle e Gary Linden, lendas do big surf mundial.

by Carpentier

Jamie Sterling, atual líder do Big Wave World Tour, se funde a beleza de Punta Lobos, Chile

O acontecimento do Eddie Aikau e a vitória que Greg Long conseguiu no braço, surfando uma onda que ninguém (mídia) viu nabaía de Waimea (HW), impulsionou ainda mais a retomada do esporte, no que foi chamado de "Two Days at the Bay", pela revista Surfer em uma edição especial. Como numa retomada do espírito Eddie Would Go!, ondas gigantes também quebraram em Mavericks e no Oregon (EUA), na Tasmânia (AUS), no México, no Peru, no Chile, na Europa.

O herói brasileiro Carlos Burle foi o vencedor do BWWT e se tornou em abril deste ano o primeiro badalado campeão mundial de ondas grandes. O respeitoso evento de premiação, realizado na conceituada Surfing Heritage Foundation, celebrou em San Clemente (CA) o fenômeno pelo qual atravessa o big surf. Com os surfistas sentados lado a lado, entre eles Peter Mel, Greg e Rusty Long, Twiggly Baker e Burle, o mundo foi informado de quais realmente são os novos limites.

"A história se escreve com o tempo. E os acontecimentos moldam a história. O tow-in mudou o surf de ondas grandes, que abriu um novo cenário. Contudo, a máquina nivela o esporte por baixo, porque qualquer um que tenha um pouco de preparo e coragem pode encarar na puxada ondas acima dos 30 pés. O tow propiciou uma adaptação do surf, e agora acontece uma readaptação às ondas que antes não se imaginava na remada. Na valorização da remada, os bônus vão para os verdadeiros big-riders", comentou, consciente, o primeiro campeão mundial de ondas grandes.

Aliás, Burle, hoje com 42 anos de idade, é um vitorioso manipulador da história do big surf. Foi dele a façanha de ter conquistado para o Brasil, em 1998, o ISA Big Wave Challenge, em Todos Santos, no México, quando em uma única etapa foi realizado um "campeonato mundial de ondas grandes", que Burle ganhou. A vitória absolutamente histórica criou um estímulo que durou mais de 12 anos. E agora, depois de quatro eventos na temporada 09/10, e mais outros dois nesta, o sucesso do primeiro circuito mundial de ondas grandes finalmente se tornou realidade.



"O BWWT promoveu um marco. Um circuito desse porte gera um espetáculo de apelo visual e emocional muito intenso. Como entretenimento, é um produto excelente, promove o verdadeiro desafio entre homem e natureza. O surfista tem que estar preparado para suportar condições de altíssimo estresse e de comunhão entre conflitos físicos e mentais. É um jogo em que se tem a possibilidade do risco de vida e de morte, e valorizar essa essência é fundamental para a felicidade dos verdadeiros big-riders e do esporte."

Burle está feliz pela conquista do BWWT, a voz do guerreiro se inflama ao falar do big surf: "Torço para o fortalecimento do circuito, com patrocinadores e conseqüentemente estruturas fortes. E também para a formatação dos critérios de julgamento e prêmios, que engloba uma gama de ações que não está restrita apenas ao tamanho das ondas surfadas. Mas sim à performance, habilidade e coragem do surfista. O circuito foi feito para melhorar a performance no geral em todos os níveis".

O surfista pernambucano também vê um bom momento para o Brasil: "Essa é a hora de os países criarem suas subdivisões e rankings, para garantir nível aos atletas. Organização é a forma mais justa de valorização dos surfistas, abre oportunidades e estimula a revelação de talentos. Contudo não tira o 'go for it' dos surfistas que estão buscando os grandes swells, com ou sem campeonatos. Ao contrário, os estimula ainda mais".

Gary Linden comemora a boa fase e crê que um rápido acontecimento poderá mudar mais uma vez o esporte: "Acredito que está muito próximo alguém surfar na remada ondas como as de Jaws, que hoje são surfadas apenas de tow-in. Mas não sei ao certo se esse lugar é Jaws. Pode aparecer outro ponto do planeta que atinja a potência ideal de condições e tamanho para que um surf dessa magnitude aconteça".

Linden e Burle têm opiniões parecidas ao indicar o grupo de surfistas que reúne condições para romper as barreiras. Gary Linden aposta em nomes como Grant 'Twiggy' Baker, Greg Long, Mark Healey, Shane Dorian, o KS9 Kelly Slater, Peter Mel, o próprio campeão do BWWT Carlos Burle, Gabriel Villarán, e o atual líder do tour, Jamie Sterling. Mas destaca também que existe uma longa lista de big-riders que podem escrever suas páginas no livro dos recordes.

Carlos Burle é mais direto em separar listas: "Greg Long, Twiggy, Shane Dorian, Healey e Sterling estão acima dos demais. Existem outros caras no jogo, com partidas demarcadas para certos picos. Em Mavericks, por exemplo, eu não ficaria surpreso com performances de alto nível do brasileiro Alex Martins ou do americano Peter Mel, que conhecem o lugar como poucos. O Rodrigo Resende é outro cara de qualidade no surf de ondas grandes e pode fazer história a qualquer momento. Porém, pelo menos aparentemente, ele não está no ápice, o que deixa uma incógnita". Resende é outro herói nacional, campeão da Tow-In World Cup, primeiro campeonato oficial de tow-in encarado como mundial, vencido junto do parceiro havaiano Garrett McNamara, realizado em Jaws no ano de 2001, no início da revolução do surf de ondas grandes, com a inclusão definitiva do Jet-ski no desafio até então sobre-humano. O tamanho? As duas lendas do esporte continuam uma análise responsável, ambos preocupados com a coragem e a segurança dos surfistas. "Acredito que pode se surfar ondas de até 60 pés na remada, mas a performance e a segurança ficam comprometidas. Pode-se sim dropar com uma 12 pés ondas de 40, 50 pés, e ter um bom desempenho na conclusão da onda. A partir daí fica complicado. Imaginar Jaws no braço acima de 60 pés... É impossível", diz Burle.

Gary Linden, visionário, encerra a conversa pelo menos até a conclusão desta reportagem: "Acredito que é bem possível surfar no braço uma onda de 60 pés. As mudanças climáticas que estão mexendo com o planeta vêm nos ensinando que temos que comungar com as forças da natureza. Uma nova quebra de limites será realizada muito em breve. Pode ser nessa temporada. Pode ser a qualquer momento. Estamos preparados".

**Confira no portal almasurf.com a entrevista com o jornalista Rosaldo Cavalcanti, idealizador do 1º Tow In World Cup, realizado em 2002 em Jaws (HW). Conheça a visão atual de Rosaldo sobre o Big Surf Mundial.*



Ao lado, Diego Medina, chileno, campeão XXL. Nesta, Peter Mel, um destemido surfista da Califórnia, especialista de Mavericks, dropa Punta Lobos, no Chile. Abaixo, Ramon Navarro é outro surfista chileno distinto. A coragem é sua marca no surf de ondas grandes. Fotos de Alfredo Escobar





STREET AIR

Lentes P400 impact resistance

Com perfil para fins esportivos, o STREET AIR é extremamente versátil. Ele o acompanha em várias modalidades como: competições de triathlon, iron man, corridas de aventura, ciclismo e vôlei de praia. Devido ao design aerodinâmico, o STREET AIR possui uma maior visão periférica, além de suas lentes especiais P400, que podem ser polarizadas, fotocromáticas, ou ainda com a opção de flashes coloridos. Mais que funcional, este modelo ainda conta com 20 cores de pinturas criadas artesanalmente, garantindo sua exclusividade.



MORMAII PHOTOCROMIC

Assim como um camaleão, as lentes MORMAII P400 PHOTOCROMIC são auto-ajustáveis ao ambiente onde se encontram. Esse ajuste ocorre em função da ativação feita pelo contato da mesma com os raios solares absorvidos pelas células de ativação presentes na lente, garantindo, dessa forma, que os olhos recebam a quantidade ideal de luz em todos os ambientes e condições climáticas.



MORMAII INJECT POLARIZED

As Lentes MORMAII INJECT POLARIZED além de filtrar 100% dos raios ultravioletas, possuem altíssimo índice de polarização (99,99%) e seguem todas as normas internacionais de qualidade e segurança e têm como função principal filtrar os raios solares que ofuscam a visão.

 www.mormaii.com.br



mormaii



PAPUA
| Nova Guiné

FLAVIO ARBON | Deuses do Futebol - Book - Foto: Bruno Basso

10 ANOS

Dalmasurf E SÉCULO XXI

Texto Adriano Vasconcellos / Equipe almasurf

2010 ANOS DE ALMASURF

Em 2010 a revista ALMA SURF comemora o aniversário de 10 anos de existência. Era o bimestre dos meses de outubro e novembro dos anos 2000, e, assim como a própria virada do século, aquele período sugeria novas idéias, novas posturas e visões, para um mundo novo e melhor, na vida e no esporte.

O publisher Romeu Andreatta, um empreendedor vitorioso e o principal articulador do segmento surf, lançava a revista que tinha em seu DNA a cultura de praia, o potencial artístico da comunidade criativa, um novo direcionamento ao mercado e, principalmente, o surf de ondas grandes.

O tow-in e o desafio 'homem versus natureza' entraram em pauta desde a primeira capa da revista, que sugeriu à mídia e aos aficionados uma nova corrente de pensamento. De cara formou seguidores e colecionadores, que passaram a acreditar nesse movimento que elevou os patamares do esporte a mares ainda maiores.

No olhar da ALMA SURF, a surfwear foi vista e evidenciada como moda, uma busca que se concretiza hoje no mainstream. O mercado, alinhado às ações da publicação, ganhou corpo e força, se capacitou e se transformou em uma célula gigante dessa equação que é o surf. Os surfistas brasileiros de ondas grandes, tais como a ALMA SURF, cresceram no cenário e conquistaram o devido respeito internacional.

O comportamento e o estilo de vida dos surfistas começaram a ser tratados com nobreza na essência da ALMA SURF, que sempre registrou em suas páginas, produtos, serviços e eventos, o comprometimento com o amor e a alegria que a praia inspira.

Romeu, centrado no 'zen-surfismo', começou uma nova história da mídia surf no Brasil pelas páginas da ALMA SURF: "Alma é a parte cósmica, eterna e infinita que temos. É a divindade que DEUS colocou no templo humano. Vamos tratar o surf como religião e cruzar conceitos básicos do zen-budismo, que há milhares de anos trabalham técnicas de relaxamento e desligamento da mente. O planeta é nosso mercado, e a nossa missão é influenciar e tocar a alma de cada surfista". E assim tem sido, nas palavras e pensamentos do publisher da ALMA SURF, guru do surf nacional e uma das grandes referências da mídia mundial, que hoje alcança 30 milhões de pessoas por ano com a revista, com os produtos culturais, agora com o Portal Alma Surf e principalmente com o Festivalma - arte e cultura, cinema, música, moda e design de praia - e os eventos que avançam pelo Brasil e pelo mundo.

Parabéns a todos os surfistas e profissionais de alma que participam, participam e acreditam na proposta da ALMA SURF, que nestes últimos 10 anos fez o segmento acreditar em outro surf: humano, desafiador e revolucionário. Essa é a proposta da ALMA SURF.

O início de tudo – leia na íntegra o Editorial número 1 da revista ALMA SURF, assinado pelo publisher Romeu Andreatta:

ZEN-SURFISMO

A alma é a parte cósmica, eterna e infinita que todos temos. É a divindade que DEUS colocou no templo humano. Neste novo projeto, tenho a enorme responsabilidade de transformar em marca algo tão divino e nobre. O start foi dado por forças muito maiores e mais responsáveis que a minha e a de toda a equipe. A base da revista, pra quem conhece a minha trajetória, é colocar uma tórrida experiência editorial de 20 anos sobre um alicerce sólido e capaz de suportar todo o peso que existe na proposta ALMA SURF. Vamos tratar o surf como religião, usando conceitos básicos desse esporte / comportamento / estilo de vida, e cruzar com conceitos básicos do zen-budismo, que há milhares de anos trabalha técnicas de relaxamento e desligamento da mente. O surf tem essa propriedade, e transforma seus praticantes em adeptos fiéis, cativando a tribo como poucas religiões monoteístas têm conseguido. Não estamos compromissados com nada e ninguém, mas com a essência e a simplicidade que formam a magia do encantamento e da alegria. ALMA SURF é simples, ALMA SURF é clássico, moderno, ortodoxo, heterodoxo, quente e frio. É puro amor, é pura alegria, é puro surf! Vamos abordar e tratar o esporte com profundidade editorial inédita na mídia especializada. O planeta é o nosso mercado, e a nossa missão é influenciar e tocar na alma de cada surfista. Nossa equipe está à altura do desafio. Nossos parceiros internacionais estão ávidos por nossas convicções impressas. Vamos divulgar, difundir, influir e perpetuar novos limites e óticas. Estamos agora consolidando posições e papéis de direito de pessoas e propostas que já colaboraram muito com o segmento. Por fim, os agradecimentos sinceros àqueles que com sensibilidade e comprometimento nos apoiaram, acreditando que a alma surf é o que todos nós temos de mais verdadeiro.

Romeu Andreatta Filho

As ondas grandes sempre foram o foco principal da revista ALMA SURF, que publicou em sua capa inaugural a bela onda de Sunset, emblemática praia do Hawaii. A foto é de autoria da havaiana Tara Moller

10 ANOS

Dalmasurf E SÉCULO XXI

10 ANOS DE ALMASURF 10 ANOS DO SÉCULO XXI

Para comemorar o aniversário de 10 anos, a revista ALMA SURF lança o prêmio 10 Anos de ALMA SURF, 10 Anos do Século XXI, que irá celebrar os Melhores da Praia dessa última década, revolucionária como a própria plataforma de comunicação da ALMA SURF – Revista, Portal, Festivalma –, hoje considerada o principal pilar de mídia surf do Brasil e reconhecida internacionalmente como uma positiva referência mundial em proposta ao surf como instituição, sempre na busca do mais o do melhor.

E para coroar esses 10 anos de marca, a ALMA SURF faz o convite a um seleto grupo de pensadores do segmento, que formam a Comissão de Notáveis que juntos vão eleger os principais fatos, movimentos e nomes que marcaram época e revolucionaram o surf e a praia nesse período de nascimento da ALMA.

Mais de 30 categorias serão indicadas pela comissão julgadora, que serão apresentadas ao público e à mídia em um evento festivo, outro marco do esporte surf e da cultura de praia.

O PRÊMIO

Para fomentar e legitimar os “10 Anos de ALMA SURF, 10 Anos do Século XXI”, vamos promover ações, nesta e em nossas próximas duas edições que teremos até o término de 2010, exibindo o formato do prêmio e a própria história do título, realizando o desfecho final com o anúncio dos vencedores na última publicação do ano, que será o lançamento do número #60 da revista ALMA SURF.

Um evento festivo de entrega do prêmio e de conexão mundial está programado para acontecer na primeira semana do mês de dezembro, com apresentação profissional e participação de convidados, que farão o anúncio dos vencedores. A celebração do aniversário está programada junto de ações eletrônicas e digitais que vão interagir com o evento.

COMISSÃO DE NOTÁVEIS E PARTICIPAÇÃO DO INTERNAUTA

Os membros convidados para formar a Comissão de Notáveis farão a indicação de três nomes para cada categoria colocada em votação, proclamando o vencedor no somatório dos resultados. No portal almasurf.com, o internauta poderá participar respondendo à pergunta: “O que de melhor aconteceu com o surf nesses últimos 10 anos?”

Os membros convidados são: Ricardo Bocão, Fernando Costa Netto, Rosaldo Cavalcanti, Reinaldo Andraus, Rico de Souza, Julio Adler, Carlos Sarli, Roberta Borges, Steve Allain, e Renata Soares Netto.

As categorias: Eventos Esportivos, Eventos Culturais, Ações e Entidades Ambientais, Ações de Fomento ao Surf, Entidades Esportivas, Propostas de Mídia, Marcas (inovação / fomento / crescimento), Empresários do Mercado, Distribuidores (varejo), Rede de Lojas, Campanhas, Marcas de Equipamentos, Dirigentes Esportivos, Surfistas de Competição (Profissional), Big-Riders, Longboarders, Free Surfers, Surfistas Femininas, Revelação, Waterman, Shapers, Praias, Ondas, Maiores Swells, Perdas mais Sentidas, Board Sports, Artistas, Fotógrafos, Músicos, Filmes, Livros; entre outras categorias de produtos e junto às entidades administradoras de esportes de praia, tais como vôlei de praia e outras modalidades esportivas.

A imagem da programação visual do prêmio 10 Anos de ALMA SURF – 10 Anos do Século XXI é de autoria da fotógrafa gaúcha Roberta Borges, que faz parte do ensaio ‘Passatempo’, que será exibido na Bolsa de Arte, em Porto Alegre. www.robertaborges.com.br
A direção de arte é de Naia Ceschin

ESPECIAL 2010 ANOS DE ALMASURF

Como parte da celebração dos 10 anos da ALMA SURF, lançamos três edições especiais da revista (#58, 59 e 60), com uma retrospectiva do que de melhor aconteceu na publicação. Ações, propostas artísticas, big surf e grandes swells, movimentos culturais e pensamentos que ilustraram a história da ALMA SURF desde a edição número 1 ganham luz novamente neste ano de 2010.

Emblemática na proposta de Romeu Andreatta, a edição número 1 ganha um brilho maior, segue os princípios de toda uma proposta. E publicamos em frames reportagens e conceitos que fazem parte dessa construção vigorosa da nossa plataforma. Conheça e confira, nas próximas páginas, o que é a revista ALMA SURF.

FOREVER YOUNG

"Jovem para sempre" foi um dos títulos que recebeu a revista ALMA SURF número 1, que trouxe uma das lendas do surf nacional, Tito Rosemberg. E envolvia, em sua criação, pensamentos, desenho e produção, nomes de peso da história do surf, como Rosaldo Cavalcanti, Fernando Costa Netto e Fernando Mesquita; este, assim como o publisher Romeu Andreatta, havia sido um dos fundadores da revista *Fluir*, há quase 30 anos, que depois foi vendida à Editora Abril, numa negociação que entrou para a história do segmento.

Taiu Bueno escreveu a coluna inaugural da história da ALMA SURF, batizando sua seção para sempre como Surf Cósmico, eternizado nas páginas da publicação.

"Uma visão cósmica, profunda e eterna do nosso tão significativo esporte. Estilo de vida. Cultura alternativa. Seja qual for a qualificação, o significado alma surf não é algo passageiro. O tema vai além dos nossos sentimentos. O grande amigo Mark Lund definiu o surf em três níveis. O primeiro é o surf físico-carnal. O segundo nível é o surf cérebro-mental. E os sonhos? Ai, talvez eu já esteja abordando o terceiro nível, o mais nobre, o surf alma-espiritual. Sonhar que estamos surfando é algo maravilhoso. É a nossa alma passeando pelo planeta e dropando a onda no subconsciente. Esse é o limite do surf e da vida carnal. Apesar de tudo que estou passando, a minha fissura pelo surf não acabou. O dia de sarar e dar uma surfada aqui no planeta está chegando... O meu cérebro é surf e raciocina objetivamente como as lições que eu já aprendi na água." Palavras do Taiu, lendário profeta acidentado e tetraplégico, que luta diariamente contra a falta de mobilidade e que triunfalmente, hoje, volta ao mar graças às inovações de um mundo moderno e mais fraternal.

A lenda da publicidade e surfista Fernando Mesquita assinou o Projeto Gráfico e a Direção de Arte da ALMA SURF #1, que trouxe em seu DNA a influência de um dos fundadores da mídia surf. A coluna Surf Cósmico de Taiu Bueno ganhou as cores e os desenhos criados pelo "Mesquitão", marca da primeira fase da revista

Alma

Almasurf



"Tito Rosemberg em algum lugar da África ocidental. Marrocos em plenos anos 70. Quando o crowd estava longe de ser um problema", dizia a legenda construída para identificar o perfil do surfista viajante

E Tito Rosemberg foi o primeiro personagem: "Ele nasceu na Urca e gastou os primeiros anos de vida cortando as ondas do Rio com uma madeirite. Passado algum tempo, caiu na estrada e cruzou mais de 70 fronteiras atrás da onda perfeita e da vida ideal. Aos 54 anos, Tito Rosemberg é o maior aventureiro do surf de que se tem notícia no país", identificou o olho sobre o personagem viajante, na primeira investida da revista entre perfil e viagem.

UM TESÃO DE VERÃO

Também participaram da ousada concepção da ALMA SURF #1 o jornalista Alberto Woodward, entre as feras Arthur Veríssimo, Marcos Bocayuva, Sylvio Mancusi, Beau Young, Beto Paes Leme, Roberto Price, Sean Davey, que virou um pontual colaborador, Tim McKenna, o fotógrafo que reportou como ninguém o Tahiti, em uma revista que colocou em evidência dois pilares da proposta da ALMA: a moda e o foco sociocultural subiram à tona.

Sem parafina e sem deque, os surfistas urbanos ganharam a Zona Leste, o teto dos ônibus e uma bela reportagem que mostrou uma vida até então obscura. Paulo Vainer, com a maestria e visão apurada de sempre, retratou a moda surf com muito tesão, realizando um ensaio que está perpetuado na mídia surf.

GO FOR IT! QUEM VIVER E SURFAR VERÁ

E assim evoluiu a história da ALMA SURF, que no transcorrer desta retrospectiva escolhe referências e publicações que emocionaram e mexeram com nossa mente, coração e sentimentos.

Paulo Vainer e equipe inovaram em ensaios de moda publicados em revistas de surf. Sensualidade e ousadia rechearam a revista número 1, mostrando ao segmento que um novo momento estava por vir com o lançamento da ALMA SURF

O SURF DE ONDAS GRANDES E O TOW

ABSOLUTAMENTE PRESENTE NO DNA

O surf de ondas grandes e o tow-in foram uma obsessão da publicação. Desde a capa inaugural, com uma bomba emblemática em Sunset, no Hawaii, foto de Tara Moller, o desafio homem versus natureza é uma constante impressa. As investidas foram muitas, no que começou com uma sessão arrasadora de tow-in na Tasmânia, numa disputa entre equipes que simulou o ensaio de um campeonato mundial. Surfistas como Eraldo Gueiros, Cheyne Horan, Ross Clarke-Jones, Carlos Burle e 'Flea' Votorosko contaram essa história.

O dia do século transformou a edição numero #3 da Alma Surf em histórica. A revista, que traz o mestre Gerry Lopez na capa, mostra Laird Hamilton em sua maior façanha. O dia 15 de setembro de 2000 mostrou ao mundo a mais poderosa e perfeita onda já registrada. Tahiti e o surf nunca mais foram os mesmos.

Rodrigo 'Monster' Resende repetiria a dose de revolução ao vencer de forma brilhante a 1ª Tow-In World Cup. Surfando e pilotando de forma brilhante com o parceiro Garrett McNamara, pegou Jaws como ninguém e entrou para a história.

Maresias na mais pura força apareceu em diversas formas. Roberto Cantoni, Guloseima, Nastas, Alfredo Bahia, Mancusi, Alemão, Resende, Burle, Dado, Roni, Xan, Ivan, Dandão, o publisher desta, Romeu, entre outros pegadores, mostraram ao mundo a força das ondas que quebram no Canto do Moreira.

O Hawaii, em especial Oahu, ganha o devido destaque quando o assunto é big surf. Uma sessão histórica em Puena Point mostrou Ace Cool no comando, com Garrett, Yuri Soledad, Dan Moore, Marvin Foster, Bruno Lemos e Sean Davey como parte do show. Mavericks e Half Moon Bay ganharam luz, assim como outras partes da Califórnia, como em Ghost Trees, Oregon, em grande parte das edições da ALMA SURF, com cultura de praia e muito surf. O México também foi outro pólo, com Puerto Gigante e o brasileiro Danilo Couto numa vaca bestial. Altas ondas de tow no I Mornaii Tow-In Pro Jaguaruna, e alto nível de Burle e Eraldo na casa do saudoso Zeca Scheffer.

O oeste australiano foi revelado como nunca antes por Rosaldo Cavalcanti, em fotos de Jamie Scott e ondas gigantes. Shippstern Bluff, na Tasmânia, mostrou o quão overall são suas ondas sob o olhar de Stuart Gibson. Assim como Dungeons e seu 'Calabouço', sempre assustador. O desconhecido marca a África do Sul. E no exótico, conhecemos também a irmandade em Belhara, na França, exibida em detalhes pelo periodista espanhol Marcelo Diaz. E assim seguimos com Ben Marcus e Fred Pompemayer numa temporada 09/10 insana, que mostrou o 'El Niño de braços abertos'. Que venham as ondas!

"O Dia do Século: 15 de setembro de 2000".

Laird Hamilton, o Tahiti e o surf de ondas grandes, nunca mais foram os mesmos.

A façanha e a ALMA SURF entraram para história.

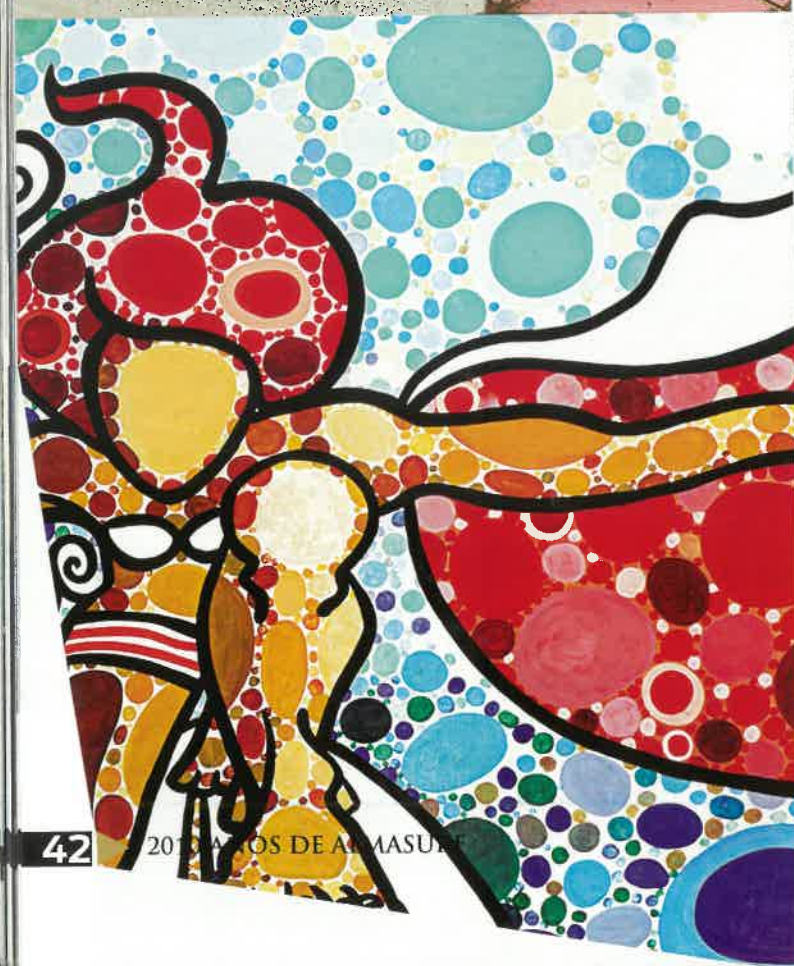
Foto de Tim McKenna

10

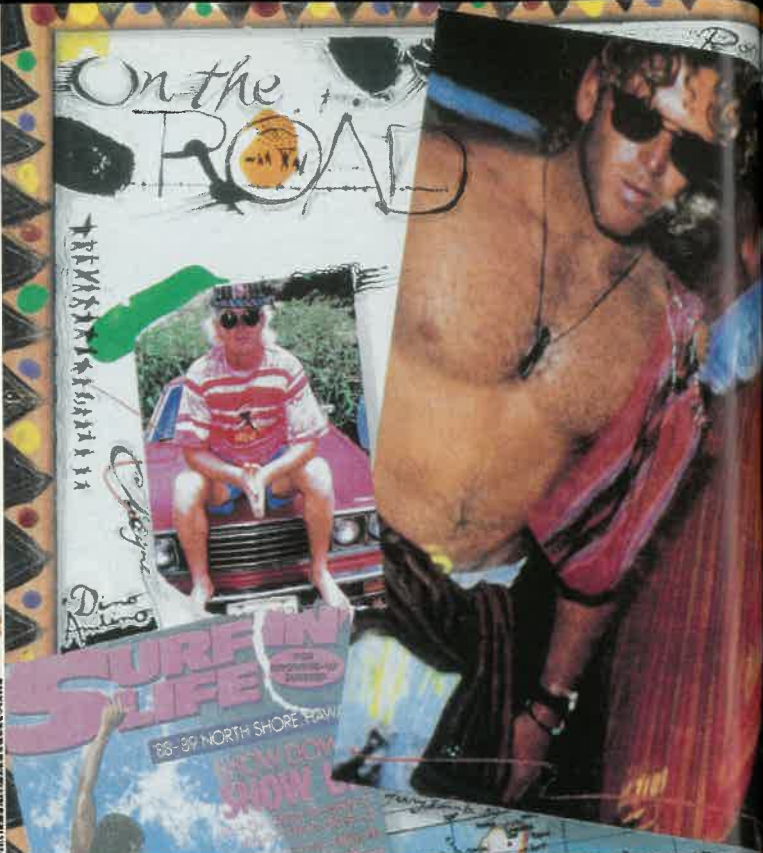
Dalmasurf
O SÉCULO
XXI



Artes e fotografias de Alex Kopps, Art Brewer, Mike Salisbury, Celine Chat, Ronaldo Macedo e John Severson, luz e cores do surf e da praia



42 20 ANOS DE ALMA SURF



O SURF COMO ARTE E CULTURA

ACREDITAR NA PRÓPRIA HISTÓRIA

Um dos grandes pilares da plataforma da ALMA SURF é expressar o surf através da arte e cultura. Desde o nascimento da publicação, as visões de Romeu sobre o segmento e os traços de design do artista Fernando Mesquita deixaram claro quais eram as buscas, que se concretizaram em cultura de praia e depois se materializaram na I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, em 2004. Hoje, seis anos depois, cinema, música, moda, e design de praia, moldam o Festivalma, sucesso de público, mídia e crítica. Na revista, muitos apareceram para o mundo e exibiram, em telas, pinturas e fotografias, trilhas sonoras, o lado mais bonito do surf. Alguns deles... Sean Davey, Art Brewer, Jack Johnson, John Severson, Klaus Mitteldorf, Mike Salisbury, Apo Fousek, The Beautiful Girls, Ronaldo Macedo, Di Cavalcanti, Wyland, Alex Kopps, Donavon Frankeireiter, Celine Chat, Cássio Leitão, David Pu'u, Julie Goldstein, Patrick Trefz, John Butler Trio, André Poli, Jon Van Hamersveld, Arturo Vega, Sandow Birk, Ciro Bicudo, Andy Davis, Roberta Borges, The Surf Gallery, Thomas Campbell, Marcelo D2, Ron Stoner, Ângelo Palumbo, Wolfgang Block, Matt Costa, Tim McKenna, Beto Paes Leme, Jay Aders, entre outros, além de verdadeiramente muita música e cinema... Delicie-se com as imagens.



A HISTÓRIA DO SURF E OS ESPECIAIS

A BUSCA DO CONHECIMENTO COMO FILOSOFIA

Foram muitas as histórias contadas na revista e em encartes especiais publicados pela ALMA SURF, que abasteceu seus colecionadores com muita cultura de surf e de praia.

"Quanto menor, melhor", assim começou "A história do biquíni", edição numero #2. Pelo texto de Caroline Overmeer. "Os polinésios e o mar" apresentou as origens do esporte pelo mestre Sean Davey. A história da T-shirt, abriu espaço para outra história, do boardshort, contada por ninguém menos do que Tico Cavalcanti, o conhecido By Tico, uma lenda da surfwear brasileira.

Dale Hope e "O mais puro aloha spirit" exibiram o sorriso havaiano através das aloha shirts, as camisas havaianas, por Rosaldo Cavalcanti. A "Alma brasileira" mostrou em retratos de Ricardo Rojas quem faz acontecer o surf nacional. Aliás, foi nesta edição #8 que a ALMA SURF lançou uma de suas mais cultuadas publicações: *Surf Gênese, a História da Evolução do Surf*. O encarte de seis capítulos trouxe os estudos do professor Marcelo Arias, que o projeto Alma Cultural tornou realidade. E as "Revistas de surf, pedra fundamental", do expert Reinaldo 'Dragão' Andraus, ganhou uma bela matéria e a capa da revista.

Ben Marcus dá aula quando o assunto é surf. "Sticky Fingers – Dedos Grudentos, uma história da parafina", foi uma pérola com intervenções de Cássio Leitão, seguida de "Waxplotation, os projetos hollywoodianos de surf no passado, presente e futuro. Mitos, lendas, rumores e mentiras" – sensacional reportagem do ex-editor da *Surfer* que é o nosso editor na Califórnia, que traz Mickey Dora na foto de abertura contracenando em Gidget. O autor Ben Marcus também lançou *A História da Prancha*, um encarte concorrido.

Revistas especiais saíram, como "Rio de Janeiro, a cidade de praia do mundo", que trouxe os "Meninos e Meninas do Rio", em grande parte mostrados pelo fotógrafo Beto Paes Leme. As revistas-catálogo das Mostras Internacionais da Arte e Cultura Surf – Festivalma – se tornaram peças de colecionador.

Outros encartes que se tornaram peças de colecionador: Shaper A Family Tree, a Árvore Genealógica dos Shapers; História da Surfwear no Brasil; Surf e a Bossa Nova. E entre os livros, *Fotografias da alma*, de Sean Davey, e *Alma santista*, de Jair Bortoleto.

O Brasil do surf, livro assinado por Alberto Woodward e Romeu Andreatta, chegou a ser lançado primeiro na Califórnia, e ainda é o único livro de mesa do surf brasileiro. Referência mundial... A ALMA SURF é especial.

O Surf Gênese conceituou as publicações especial do Projeto Alma Cultural, de Marcelo Arias.

O livro *O Brasil do Surf*, de Alberto Woodward e Romeu Andreatta, se tornou um clássico.

É na composição da página: revista-catálogo Festivalma 2007 - IV Mostra da Arte e Cultura Surf, com intervenções de Cassio Leitão.

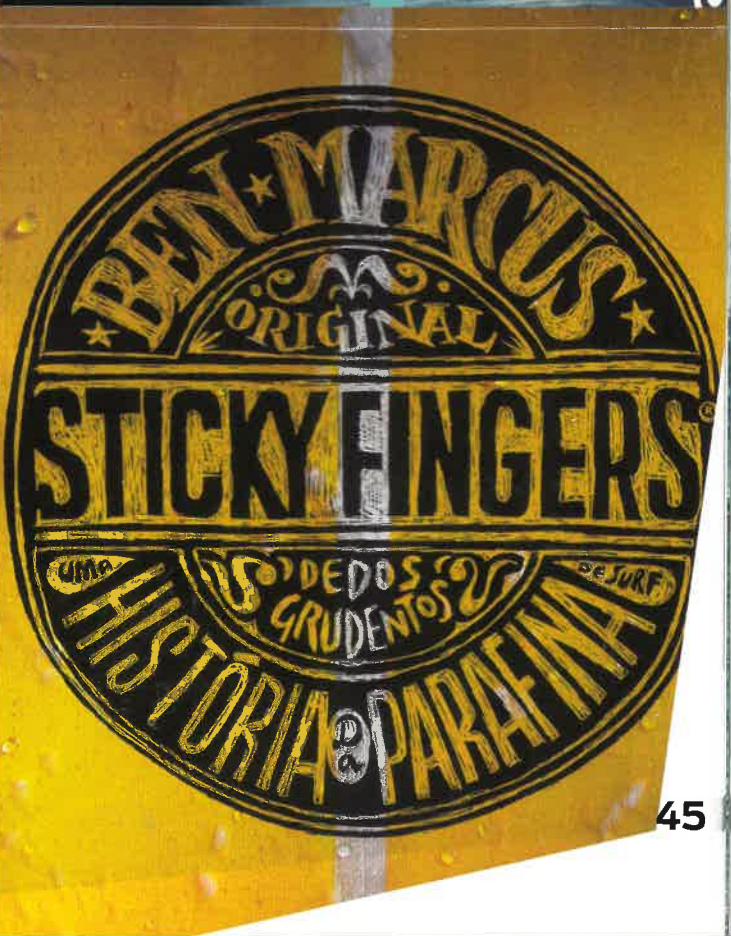
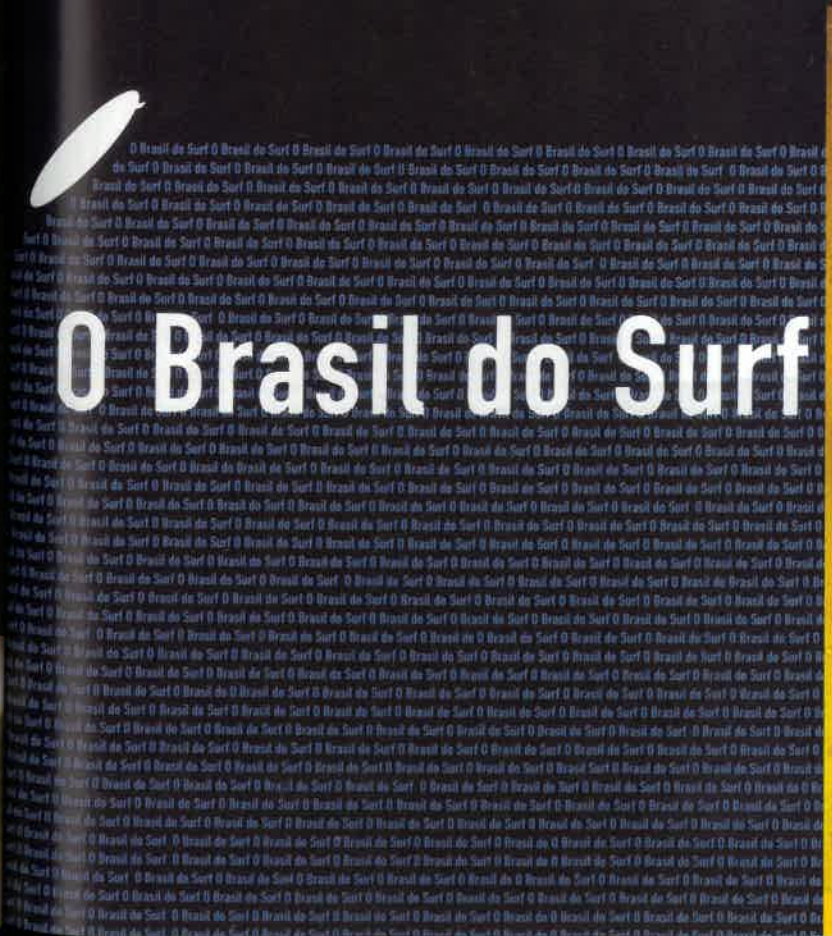
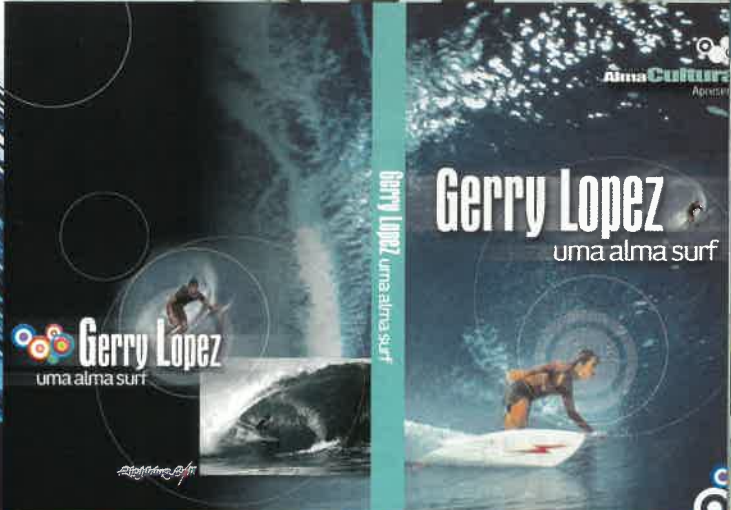
Imagem da reportagem especial

A História da Roupa de Borracha, assinada por Carolina Overmeer.

A capa do filme *Gerry Lopez, um alma surf*, de Romeu Andreatta.

É frame da capa do livro *A História da Prancha*;

e *Sticky Fingers, uma história da parafina*, ambos de Ben Marcus



ENTREVISTAS, PERFIS, MODA E BOARDSPORTS

PENSAMENTOS, GOSTOS, PERSONAGENS E TENDÊNCIAS: AÇÃO!

Muitos personagens transformaram a ALMA SURF. Homero Naldinho, Mister Pipeline Gerry Lopez, Joel Tudor, Titus Kinimaka, vale a menção ao autor André Cotrim. Dale Hope, Rico de Souza, Renan Rocha, Dick Brewer, o mestre Morongo, Peterson Rosa, Gabriel o 'Surfador', os irmãos Aguirre, Felipe Dantas, Lipe Dylon, Bob Mcknight, Emmeth Malloy, Drew Kampion, Chris Kypriots, Greg Long, Rob Machado, foram alguns dos personagens, retratos sob um 'céu de estrelas'. E outros artigos fantásticos de Matt Warshaw, Mark Sutherland, Janna Irons, entre nomes de nossos pensadores nacionais.

A moda e o boardsports tiveram espaços comuns na revista, sempre tratados com olhar apurado e novas propostas. Foi assim com Paulo Vainer na edição inaugural, que viu também Jacques Dequeker e a Billabong, Oskar Metsavath e a Osklen, o surf como 'pop', e em olhares cariocas... Surfing in Ipanema... De mar, em mar, em mar...

Os boardsports estão no foco, no topo, como Kauli Seade faz com seu windsurf. Variedade de esportes com prancha: tow, wake, carve, canoa havaiana, foilboard, longboard, stand-up paddle, kitesurf e snowkite... O snowboard é surf na ALMA SURF.



Oskar Metsavaht, trilogia 'Surfing the Mountains', no Himalaya.
'Rico de Souza', personagem lenda do surf nacional, na sala de shape na áurea década de 70.
'O Céu é a Terra', ensaio da Billabong de Chris Kypriots e Jacques Dequeker, nos Lençóis Maranhenses.
'Skate, a cena', de Heverton Ribeiro, mostrou o esporte como nunca antes: "Não existe sorte, existe Deus"





HAWAII



OBSESSÃO DA ALMA

O Hawaii sempre foi uma obsessão da ALMA SURF. Os fotógrafos Sean Davey e Bruno Lemos foram disparados os nossos maiores colaboradores nestes 10 anos. Muitos outros colaboradores e personagens ocuparam as páginas da abertura da temporada no Brasil, ou melhor, de fechamento em Oahu e Maui. Waimea, Sunset, Pipeline, Jaws... O tow-in, as mulheres, as lutas, as famílias, o jiu-jítsu e o vale-tudo BJ Pen. A inspiração no longboard, no stand-up paddle e nas artes. Eddie Aikau, Duke, a cultura. O shorebreak de Clark Little e o Hawaii Above. No Hawaii, o surf e a alegria.

O Hawaii com olhar ALMA SURF, nas fotos de Sean Davey, Clark Little e Fred Pompermayer

VIAGEM

EM BUSCA DO NOVO E DO MELHOR

A origem da ALMA SURF começa com um dos maiores aventureiros brasileiros no que diz respeito a expedições e surf. Tito Rosenberg e suas viagens pelo mundo colocaram a linha editorial no trilho.

Conhecemos de cara a pororoca, Ross Clarke-Jones e Picuruta Salazar. O surf gelado da Europa mapeou o conhecimento de Yannick Le Toquin. E com Kelly Slater e Eddie Vedder, desvendamos um secret australiano, o surf como expressão artística, na música e nas ondas.

A edição #12 borbulhava com o sucesso do *Surf Gênese*, e aproveitamos para mostrar de um jeito diferente o Brasil, no que temos de melhor. Gabriel O Pensador em Sumatra e uma sessão de wakesurf no Tahiti mostraram o surf de outros ângulos.

A Noruega com Craig Jarvis, a Itália com Nik Zanella, a Nova Zelândia com Paul Kennedy, marcaram a busca do novo. E Juliana Morais, na época editora da ALMA, publicou a beach culture de Laguna Beach, CA.

Desvendamos a potência de Garopaba, SC, com Pedro Felizardo. E fomos até a exótica e bombástica Coréia do Sul, sob o olhar do viajante John Callahan... Maldivas natural, Sauípe Ohana e Nova Zelândia snow. Novas descobertas: Chile, Bahia, África e Hawaii.

Bruno Lemos e Sean Davey brilharam no North Shore de Oahu com tow-in, lutas, mulheres e o verdadeiro aloha spirit. Espírito que se estendeu a Gerry Lopez e Marcio David, numa bela sessão de zen surfismo nas Mentawai.

O Tahiti virou um estúdio natural nas lentes de Aleko Stergiou. E Alemão de Maresias tornou pública a sua busca de 100 pés na ilha de Páscoa, CH.

O ouro do triângulo polinésio apareceu em Cook Island, em mais uma investida com o mestre da luz Sean Davey, nosso principal colaborador internacional. E o Rio de Janeiro ganhou um especial à altura da 'cidade de praia do mundo'. Fazendo jus ao Brasil, Beto Paes Leme, sem dúvida, é o maior colaborador fotográfico, carioca e brasileiro.

Fomos intimistas com Roberta Borges na França. Conhecemos o berço de Kelly Slater na Florida, com Rafael Nowascky. E mostramos um até El Gringo inédito, no Chile, com os fotógrafos Allison e Tojal.

Desgarramos em King Island – Fretless com Hynd, Carrol e Wegner. Surfamos a pororoca chinesa com Bagé e Yep Colas. Botamos pra baixo em Shipp's Bluf, na Tasmânia. E protestamos com Rasta & Parko, de novo no Chile, em defesa das baleias e dos golfinhos.

Alex Martins, Fred Pompermayer, Serena Mitnik-Miller, viveram como hippies em São Francisco, EUA. Estampamos em reportagens conceituais o Alasca, a Irlanda, o Caribe e Barcelona. E o Brasil e a França, na irmandade, brilharam sob a visão dos poetas Romeu Andreatta e Gibus de Soltrait.

Qual a próxima viagem? A própria ALMA SURF.

Nesta edição, estamos na África do Mundo, com futebol, Jeffreys Bay, natureza e povo exuberante.

2010 anos de ALMA SURF! Isso é só o começo...

Conhecemos o Alasca a bordo do 'Get in The Van', de Nick La Vecchia e Cia

A virgindade das ondas de King Island sob os olhares de Derek Hynd e Sean Davey

Fort Point, surf sob a Golden Gate Bridge, São Francisco,

EUA, foto de Fred Pompermayer

E as grandes esquerdas de Pichilemu, no Chile,

nas lentes do belga Philip Muller

E isso é só o começo...



PATO
NEW TEAM
MEMBER

THE ROAD OF LONG ISLAND

SIGA ESTA AVENTURA
LONGISLAND.COM.BR



PATO E FAMILIA NA ESTRADA

LONG ISLAND
THE FUTURE

AFRICA DO MUNDO

Um país de alegria natural, futebol e muito surf

Rodrigo Sodré e Mauricio Décourt realizam viagem a África do Sul e desfrutam o melhor do país que recebeu os povos na Copa do Mundo 2010. Um belo olhar sobre diferentes realidades em uma só busca: Jeffrey's Bay

Texto e fotos Rodrigo Sodré e Mauricio Décourt

Visual surreal na África do Sul...

Estádio de Cape Town de cima da Table Mountain.

Nesta viagem, os cenários foram os campos de futebol, o povo sul-africano e as praias.



Inside livre de Jeffrey's,
momento de pura contemplação.

Leão albino visto no Lion Park.

A alegria e cores, duas constantes do povo Sul-africano.

torcedor com as cores dos Bafana Bafana.

próximo do Estádio Ellis Park.

Na praia, freesurfer ao lado do Pier de Durban.



SAFARI – KRUGER PARK

O que mais leva turistas à África do Sul são os safaris. Dos mais de 15 parques nacionais existentes no território, o maior e mais famoso deles é o Kruger National Park, localizado ao Nordeste do país, na fronteira com Moçambique. O parque fica a cerca de 5 horas de Johannesburgo. Pagando uma taxa de 160 rands (45 reais) por pessoa, podemos trafegar livremente, com nosso veículo, pelas ruas pavimentadas e estradas de terra que adentram as savanas.

A sensação de estar junto dos animais em seu habitat natural é diferente de tudo o que já havíamos visto. Os bichos vivem suas próprias leis... As leis da mãe natureza. Não existem jaulas ou cercas para demarcar o espaço dos animais. Fazer um safari na África do Sul é uma experiência única, algo que mexe com nossa alma e nos faz sentir mais perto das raízes.

Elefantes, girafas, búfalos, hipopótamos, javalis, macacos e diversas espécies de pássaros... Felicidade imensurável por viver momentos inesquecíveis nas savanas do Kruger Park.

O COMEÇO DE TUDO...

A viagem perfeita para um brasileiro que gosta de surf e futebol pode ter como destino a África do Sul. Quando decidimos assistir à Copa do Mundo no início de 2010, a melhor opção estava traçada.

Alguns meses depois, já com a viagem certa e um grupo de 12 pessoas, compramos as passagens e, para baratear os custos decidimos ir 10 dias antes do início da Copa e voltar alguns dias depois do término do torneio.

A nossa intenção, além do futebol e talvez até como a principal delas, era assistir a Etapa do Circuito Mundial de Surf em Jeffrey's Bay – Billabong Pro, que abriria janela no dia 15 de julho... apenas quatro dias após o término da copa.

Na nossa frente, a possibilidade de realização de dois sonhos: Copas do mundo de futebol e de surf, uma após a outra e no mesmo país, que vivemos em reais 55 dias de África do Sul...

COPA DO MUNDO: O SONHO DE TODO BRASILEIRO

Nossa viagem sem escalas de São Paulo a Johannesburgo, foi regada a música brasileira e brincadeiras, o que dividiu o animo dos passageiros, ora felizes ora injuriados com tamanha baderna. O auge de nossa festa aconteceu em céu estrangeiro, ao cantarmos o hit "Shosholozza", considerado o segundo hino da África do Sul por toda sua história e cunho social, e um dos tripulantes do avião emocionado começou a lacrimejar. Difícil explicar o que sentimos ao ver um típico sul-africano de 1,80m de altura comovido.

Nosso roteiro de viagem se dividia em 2 partes. A primeira era seguir a Seleção canarina em todos os jogos. A segunda parte começava após o término da Copa ou a eliminação do Brasil, quando ficaríamos livres para conhecer o país, até o início da etapa do mundial de surf em Jeffrey's Bay.

Nos 10 dias que ficamos na cidade de Pretória, localizada a 55 km de Johannesburgo, pudemos sentir um pouco da vibração e dos costumes do povo sul-africano. Ao mesmo tempo, testemunhamos a chegada de visitantes de todo o mundo para participar do maior evento esportivo do planeta. A hospitalidade do povo realmente nos chamou a atenção, assim como sua preocupação em relação à imagem que estávamos tendo de seu país. Os brasileiros e holandeses são atração a parte na África, adorados por todos, o que nos fez sentir muito bem.



DURBAN – SURF CITY

Conhecida mundialmente pelo lifestyle do surf, a cidade de Durban, na costa leste do país, respira a cultura surf e skate. A cidade é sede dos primeiros campeonatos de surf da África do Sul, e nos faz lembrar um pouco do Brasil, pelo clima úmido e temperatura agradável, bem diferente do ar seco das altitudes de Jo' Bourg, aonde estávamos.

Não presenciamos boas ondas durante os 5 dias que estivemos por lá, mas o simples fator de estar na praia, entrar no mar e curtir as fan fests com os pés na areia, bastaram para fazer a cabeça de todos. Na praia central há um skate park público com vista para o mar, onde passamos alguns finais de tarde clicando a molecada se divertindo. Bem ao lado da pista, uma feira de artesanatos com produtos de arte africana nos remeteu ao litoral paulista e suas feirinhas hippies.

Nos arredores da cidade encontramos Bluff Beach, uma praia vazia e isolada, com areia vermelha do Centro, em Ubatuba. Lá avistamos os primeiros golfinhos da trip, surfando as marolas no inside. Em conversa com uma salva-vidas local, descobrimos uma bancada de pedras no canto direito que proporciona direitas rápidas e tubulares nos dias de bons swells.

Outros destaques da cidade de Durban são o estádio Moses Mabhida, para nós o mais belo de todos e palco do jogo Brasil e Portugal, e o Ushaka Marine World, mistura de aquário e parque aquático. Esse complexo que recebe o nome de um antigo rei Zulu é perfeito para os dias ensolarados e sem ondas.





Skateboarder sul-africano manda ver no skatepark em frente às ondas de Durban, cidade que respira os boardsports.

Ao lado, Rodrigo Sodré acerta o foco sobre Cape Town

MOTORHOME - CRUZANDO O PAÍS EM DIREÇÃO A PORT ELIZABETH

Ao voltar para Johannesburg, tínhamos um jogo de oitavas-de-final para assistir e depois da vitória da seleção canarinho, devolvemos 2 carros alugados e optamos por um motorhome.

A jornada de 1.200 Km para o sul foi muito boa. Preparar o café da manhã ou continuar dormindo enquanto a casa se move é algo inexplicável. Sem contar à liberdade que isso nos trouxe nos dez dias seguintes da viagem. Podíamos dormir onde e quando quiséssemos, bastava estacionar, trancar as portas e fechar as cortinas.

A estrutura dos caravan parks e campings na África do Sul são de primeiro mundo, assim como as estradas que recortam o país. Nosso trailer foi adesivado de verde e amarelo, e onde quer que fôssemos éramos recebidos com festa e fazíamos questão de retribuir.

Infelizmente nossa estadia em Port Elizabeth foi curta, pois fomos barrados pela Holanda nas quartas-de-final e nossa alegria contagiante deu lugar a um silêncio angustiante. Por outro lado, a precoce derrota brasileira nos deixou livres, sem o compromisso de assistir aos jogos restantes. A partir daí a bordo de nosso trailer, passamos a explorar a África do Sul, o litoral e a cultura de praia... Nosso próximo destino: Cidade do Cabo.



AS BELEZAS DE CAPE TOWN - CIDADE DO CABO

A rota de aproximadamente 780 Km entre P.E. e Cape Town é conhecida como Garden Route, a estrada é considerada a mais bela de todo país e costeia o Oceano Índico, passando por cidades como Jeffrey's Bay, Knysna, George e Mossel Bay. O percurso é lindo e possui variados estilos de arquitetura e paisagens de cartão postal.

A fissura em conhecer J-Bay fez de lá nossa primeira parada. Após encontrar alguns amigos em um pub, conseguimos um camping há poucos metros da praia, para estacionar e dormir. Depois de um fim de tarde mágico, de um colorido surreal, seguimos caminho a outros points, certos de que retornaríamos em breve.

Chegamos na Cidade do Cabo em 5 de julho, um dia quente e ensolarado, diferente de tudo o que tínhamos ouvido até então, pegamos apenas algumas garoas fracas e um clima bastante agradável. Obviamente estávamos em pleno inverno, então, de noite, a temperatura caía, mas no geral não estava muito frio.

Com certeza foi a cidade mais bela que visitamos e, segundo os próprios sul-africanos, a mais bela do país. Geograficamente falando, a cidade é uma obra de arte da natureza, foi construída entre a imensidão infinita do mar e a grandeza, de mais de mil metros, das montanhas. Nesse ambiente cosmopolita encontram-se pessoas do mundo todo atraídas pelas belezas naturais ou pelos deliciosos vinhos da região.

No meio da cidade, a Table Mountain (uma montanha em forma de mesa) é visitada por centenas de pessoas diariamente, que sobem para conferir um visual delirante. Para chegar lá, há uma rua estreita, com curvas sinuosas e sem acostamento, que deixou a serrinha de Taubaté-SP no chinelo. Ao chegar à base da montanha pode-se escolher entre caminhar ou pegar um bonde até o topo.

A cidade e o gigante estádio de Green Point, vistos de cima, parecem até ser de brinquedo, junto ao visual oceânico é algo incrível. Visitação obrigatória.

Em uma das noites que passamos em Cape Town, conhecemos um barzinho chamado Quilombo Brasil, onde fomos recebidos pelo Mike e sua esposa brasileira ao som de Jorge Benjor. No boteco assistimos o jornal nacional ao vivo e matamos a saudade com uma deliciosa feijoada e cerveja gelada.

Na manhã seguinte partimos para o Cape Point, onde fica também o Cabo da Boa Esperança. A estrada que faz esse trajeto é linda, e se espreme entre o Oceano Índico, à esquerda, e as montanhas, à direita. No caminho passamos pela pequena Muizemberg, uma cidade praiana que beira uma enorme cadeia de montanhas, e na entrada avistamos uma placa que dizia: "Surfer's Corner".

O swell de um metro e o crowd no mar mostrou que o local, com visual pitoresco, é ótima morada de surfistas. Alguns quilômetros adiante, sentido sudoeste, paramos em Boulders Beach, local escolhido pelos pinguins para acasalar. Experimentamos colocar os pés na água e comprovamos o que já esperávamos: se tem pinguim é porque a água é congelante!

Na chegada do parque nacional, após pagar os 75 rands (R\$19) para entrar, dirigimos por uma estradinha de asfalto cheia de babuínos procurando algum turista desinformado para conseguir comida. Na chegada ao local de estacionamento, paramos o carro e caminhamos em direção ao farol onde há o marco divisório dos Oceanos Atlântico e Índico.

Mais uma vez estávamos em frente a uma paisagem de filme com penhascos, uma imensidão azul de tirar o fôlego e uma energia sem igual, que ficou ainda mais bela iluminada pelo colorido do entardecer regado ao bom vinho local.



O MAIOR BUNGEE JUMP DO MUNDO

A distância entre as duas cidades não seria tão grande, se uma idéia não tivesse dominado a cabeça de um dos amigos presentes no carro. Felipe, mas conhecido por todos como Alemão, estava na pilha de saltar de Bungee Jump e essa vontade só aumentou ao saber que com um pequeno desvio no caminho, poderíamos passar pelo maior salto do mundo da ponte Bloukrans Bridge.

Com 216m de altura, o salto é destino da maioria dos mochileiros e aventureiros que vão à África do Sul. A garantia de 100% de segurança não diminui a adrenalina e o medo, parece servir apenas para convencer os menos atirados a se jogarem lá de cima. O sentimento deve se assemelhar ao de um surfista de ondas grandes momentos antes de ser rebocado para uma morra, mas com certeza não requer tanto treinamento ou preparo, essenciais ao tow surf. De qualquer forma, pode ser considerado algo desafiador e a simples caminhada até o meio da ponte (cerca de 200m) dentro de uma gaiola de ferro de fundo vazado e vista para o desfiladeiro chega a apavorar até os mais corajosos.

DESCUIDOS ACONTECEM...

No meio da jornada para cruzar o país rumo norte, em direção a Johannesburgo, algo não previsto aconteceu. Por descuido ficamos sem gasolina e tivemos que parar no acostamento da N1 (estrada nacional que corta o país). Era dia 11 de julho, e estávamos a poucas horas do início da final da copa sem perspectiva alguma de assistir ao jogo.

Depois de muitos minutos, fomos salvos por um carro de polícia que nos levou a buscar gasolina. Aliás, já era a 5ª vez desde que tínhamos chegado, que éramos ajudados por policiais. Tratamento prestativo de alto nível, situação bem diferente da qual vivemos no Brasil.

Amparados pelos gentis e preocupados policiais, chegamos em um gueto perigoso, mal iluminado e de casas miúdas. Os 'cops' conversaram com o dono do bar, que nos recebeu bem. Ali, com certeza estávamos em uma verdadeira favela, onde éramos os únicos brancos a entrarem ali. O lugar mais roots em que estivemos na vida. Mas com tranquilidade, de frente a uma pequena televisão, assistimos a final da Copa do Mundo da África.

Naquele momento, sentimos o maior trunfo de toda a viagem. Recebemos uma lição de vida ao sentir, conversar, beber e dançar com aquelas pessoas. Observar a felicidade de todos por nós, brasileiros, vindos do país do futebol... Viramos celebridades. Trocamos camisetas e abraços, sorrisos e apertos de mãos, entre os brancos e os negros. As lembranças daquela noite ficaram guardadas para sempre em nossas memórias.



No Bungee Jump, Felipe Gaudêncio, o Alemão, salta do maior do mundo: Face Adrenalin! No tubo, Kelly Slater. Posicionamento impecável na onda de Jeffrey's. Na praia, família unida na 'África do Mundo'

BILLABONG PRO - JEFFREY'S BAY

Ao chegarmos em J-Bay no dia 14 de julho, mal esperávamos o que estaria por vir. Nos instalamos no mesmo camping que antes tínhamos dormido uma noite, que ficava a 1 km de Supertubes e da estrutura do evento.

Como já tínhamos combinado, procuramos o media center para nos credenciar antes do início da janela de espera. Uma passagem pelo palanque, ainda semi-acabado e um encontro com Adriano de Souza, nos fez entrar totalmente no clima do evento. No fim de tarde ainda checamos as ondas, que não estavam lá essas coisas, embora um crowd no line up disputasse com vigor as séries de meio metrão que entravam na bancada.

Na manhã seguinte, a cena que avistamos ao chegar ao pico nos deixou de queixo caído. Logo cedo as direitas de supertubes já estavam grandes e perfeitas, e a primeira bateria já estava na água. Aquela quinta-feira épica deixou o palco perfeito para o show de surf do World Tour.

O sol começa a bater de frente para o mar depois das duas da tarde e deixa tudo ainda mais perfeito para os fotógrafos e vídeo makers. Ah! Como é bom lembrar daquelas linhas sequenciais que vinham de longe e quebravam uniforme, com força e formação tubular.

Nos dias seguintes o swell continuou funcionando e o campeonato foi divinamente disputado com ótimas ondas. Reserva cativa de alta performance de atletas renomados como Slater, Fanning, Taj, Mineirinho e Jordy, e de outros menos conhecidos, como Adam Melling e o local Sean Holmes.

A escolha por terminar o campeonato no domingo foi acertada, uma vez que na semana seguinte as ondas foram embora e não voltaram mais. O sul-africano Jordy Smith, apoiado por muitos fãs fez história ao vencer a etapa em casa e se viu pela primeira vez na primeira posição do ranking (até então).

Com o término do Billabong Pro J-Bay 2010, passamos a curtir Jeffrey's em sua essência. Ficamos lá por mais sete dias desbravando o pico e absorvendo a magia daquela pequena cidade litorânea, mundialmente conhecida por suas ondas perfeitas. Foi uma dádiva para marcar o final de uma trip dos sonhos.





A EXPERIÊNCIA ÁFRICA DO SUL

A África do Sul se mostrou um país único e maravilhoso. Seu povo, embora sofrido, tem uma energia inigualável e adora os brasileiros. O custo da viagem é baixo se comparado a outros destinos. Soma-se a isso, as ondas, as belezas naturais e outras atrações da South Africa, um dos melhores lugares do mundo para turismo, com ou sem Copa do Mundo. Sem dúvida nenhuma a vontade de voltar e a saudade enorme que já temos deste país tão colorido e acolhedor nos dá a certeza de que nunca mais esqueceremos essa viagem mágica, eternizada aqui nas páginas e no Portal da ALMA SURF. Aloha ou Sharp-Sharp, como dizem os africanos, até o próximo sonho real. 🌊

**Confira no Portal almasurf.com uma seção exclusiva de fotos da viagem a África do Sul, no olhar dos colaboradores Rodrigo Sodré e Maurício Décourt; assim como as postagens que aconteceram no período do Billabong Pro J-Bay 2010.*



No layback, o surfer na foto é o sul-africano Shaun Joubert. Na casa, torcida Bafana Bafana, mandante da Copa do Mundo: Grant 'Twiggy' Baker, namorada e Cia, muito bem instalados de frente a Supertubes, em J-Bay

foto: Paradise

HD
HAWAIIAN DREAMS

www.hdsurf.com.br

Adriano Lima





STAND UP PADDLE NOVA YORK

A remada para o bem

A Sea Paddle NYC mobiliza os mais respeitados watermen na ilha de Manhattan, reunindo a comunidade com o objetivo principal de arrecadar fundos e chamar a atenção para o autismo

Por Alexandra Iarussi

Fotos Robert Gim, Jag e Chris Fanning

Stand Up Paddle nas águas de Manhattan, pranchas e remos, pessoas interessantes no Sea Paddle NYC



Já no seu quarto ano de realização, o Surfer's Environmental Alliance Sea Paddle NYC, evento que conta com a participação da lenda do surf Gerry Lopez, reuniu conscientes surfistas em pé sobre suas pranchas para percorrerem os 44 km que circundam a ilha de Manhattan, em Nova York.

O Sea Paddle NYC obteve em 2010 o número recorde de inscrições. Mais de 200 remadores entre participantes casuais envolvidos, famílias, homens de mídia, watermen de renome - como Mark Temme (Manhattan), Scott Bradley (Long Island), Rol Wolson (Nova Jersey) e também o brasileiro lutador do UFC Ricardo Almeida afundaram seus remos n'água.

Para a organização, o aumento da popularidade do stand-up paddle - que vem dominando progressivamente os line-ups - pode ser um dos fatores que alavancou o número de participantes. No entanto, outro fator crucial explica a adesão e o engajamento no SUP NYC: os portadores de autismo.

"Existem várias razões para o rápido aumento da divulgação, como a presença da televisão e, principalmente, das figuras respeitadas da mídia e do mercado de surf e praia. Em parte isso se deveu à popularidade que o SUP atingiu nos últimos anos. No entanto, pela nossa experiência em causas socioculturais, não podemos ignorar a forte relação entre o autismo, o surf e o meio ambiente. Os efeitos terapêuticos que o surf pode exercer sobre crianças autistas fazem com que as pessoas se apaixonem pelo evento. A importância do Sea Paddle NYC está no caráter beneficente", disse Shannon Furey, a assessora de comunicação do evento, que percebi ser bem ocupada em prol das ações sociais.

Além da já tradicional travessia de stand-up paddle em Manhattan, o Sea Paddle NYC agregou uma nova modalidade ao evento: a Corrida de Elite, que no dia 13 de agosto flutuou sobre as águas de Nova York.

Com suas pranchas de stand-up paddle, os participantes das duas modalidades deram a largada no Pier 40, em Manhattan, para depois de 44 km de remada intensa cruzar a linha de chegada no South Street Seaport, área histórica de Nova York, dona de uma das arquiteturas mais antigas do centro de Manhattan.

Além disso, o trajeto percorrido pelos remadores inclui passagens por marcos da arquitetura nova-iorquina. Depois da largada rumo ao norte, sentido rio Hudson, os competidores passam pelo Intrepid Aircraft - museu de relíquias militar e da marinha de NY - e alcançam a Ponte George Washington, que conecta Manhattan a Nova Jersey. Em seguida, surge o Yankee Stadium, consagrado campo do baseball norte-americano, dos mundialmente famosos Yankees.



A remada continua pela Hell Gate, lendária ponte de Nova York, e depois passa pela ilha Roosevelt, nos arredores da ONU (Organizações das Nações Unidas), enquanto hidroplanos, minuto a minuto, pingam do céu para aterrissar sobre o frio leito de Manhattan. Já ao final de sua jornada, os atletas passam pelas pontes de Williamsburg, Manhattan e Brooklyn, para terminar o percurso no South Street Seaport.

A decisão pela sede do evento foi inspirada numa travessia de jet-ski de Nova Jersey a Manhattan, realizada há seis anos por Darrick Doerner - um dos pioneiros do surf de ondas grandes e parceiro de caras como Laird Hamilton e Dave Kalama - e por Andrew Mencinsky, diretor executivo da Surfers' Environmental Alliance (SEA). Depois de terem visto o horizonte de prédios, pontes e monumentos de Manhattan, eles não poderiam ter escolhido melhor lugar para sediar o Sea Paddle.

No mesmo dia acontece o White Water Evening Fundraiser, evento no qual se realizam shows, leilões e a festa de premiação, de estímulo total às doações. Shannon Furey diz que o dinheiro arrecadado ultrapassa em 2010 os US\$ 260 mil. Além da Surfer's Environmental Alliance (SEA), que é uma ONG comprometida com a preservação e proteção dos elementos ambientais e culturais inerentes ao surf, outras oito instituições especializadas no autismo foram contempladas com as doações.

"Para um ávido surfista residente no litoral como eu, a importância de grupos como a SEA é crucial. A Surfers Healing é uma das instituições beneficiárias do SEA Paddle, desde quando o projeto veio à tona. Percebi que o surf é muito maior do que a indústria. Vi como o surf pode trazer sorrisos aos parentes de crianças que enfrentam os desafios do autismo. Tive o privilégio de presenciar a sensação de famílias que chamaram o SUP NYC de 'o melhor dia de suas vidas'", relata Andrew Mencinsky à ALMA SURF.

OS CAMPEÕES DE 2010

O norte-americano Thomas Maximus Shahinian foi o grande vencedor da Corrida de Elite. O remador, que reside em San Clemente, na Califórnia, levou menos de quatro horas para faturar os US\$ 3mil. Genuíno waterman, o surfista preenche o currículo com vitórias em importantes competições de dragon boat e canoa havaiana.

Em segundo ficou o jovem prodígio Slater Trout, de 15 anos, o mais novo competidor inscrito no evento. Como informação, Trout também foi o mais jovem competidor convidado do Quiksilver Ku Ikaika Challenge 2009, e o único atleta menor de 18 anos a participar do Rainbow Sandal Gerry Lopez Battle of the Paddle, evento que reuniu mais de 600 homens do mar em Waikiki, no Havaí.

Fechando o evento subiu ao pódio Will Reichenstein, que recentemente faturou o Newport Hovie SUP Festival. O stand-up paddle como integração social: Sea Paddle NYC.

www.seapaddlenyc.org

**Confira uma seção extra de fotografias do Sea Paddle NYC. E conheça os eventos de SUP: Rainbow Sandal Gerry Lopez Battle of the Paddle e Quiksilver Ku Ikaika Challenge, em reportagens exclusivas no almasurf.com*



Nova York é considerada uma das cidades mais cosmopolitas e surpreendentes do mundo. Stand Up Paddle na Big Apple!

GO



The Next One Boardshort

KOLOHE ANDINO &

Michel Bourez . Dusty Payne . Gabriel Medina
Pedro Scooby . Kai Barger . Nat Young

NIKE [GO.com/SURF](http://nike.com/surf)



Action: Kenworthy Lifestyle Letchworth

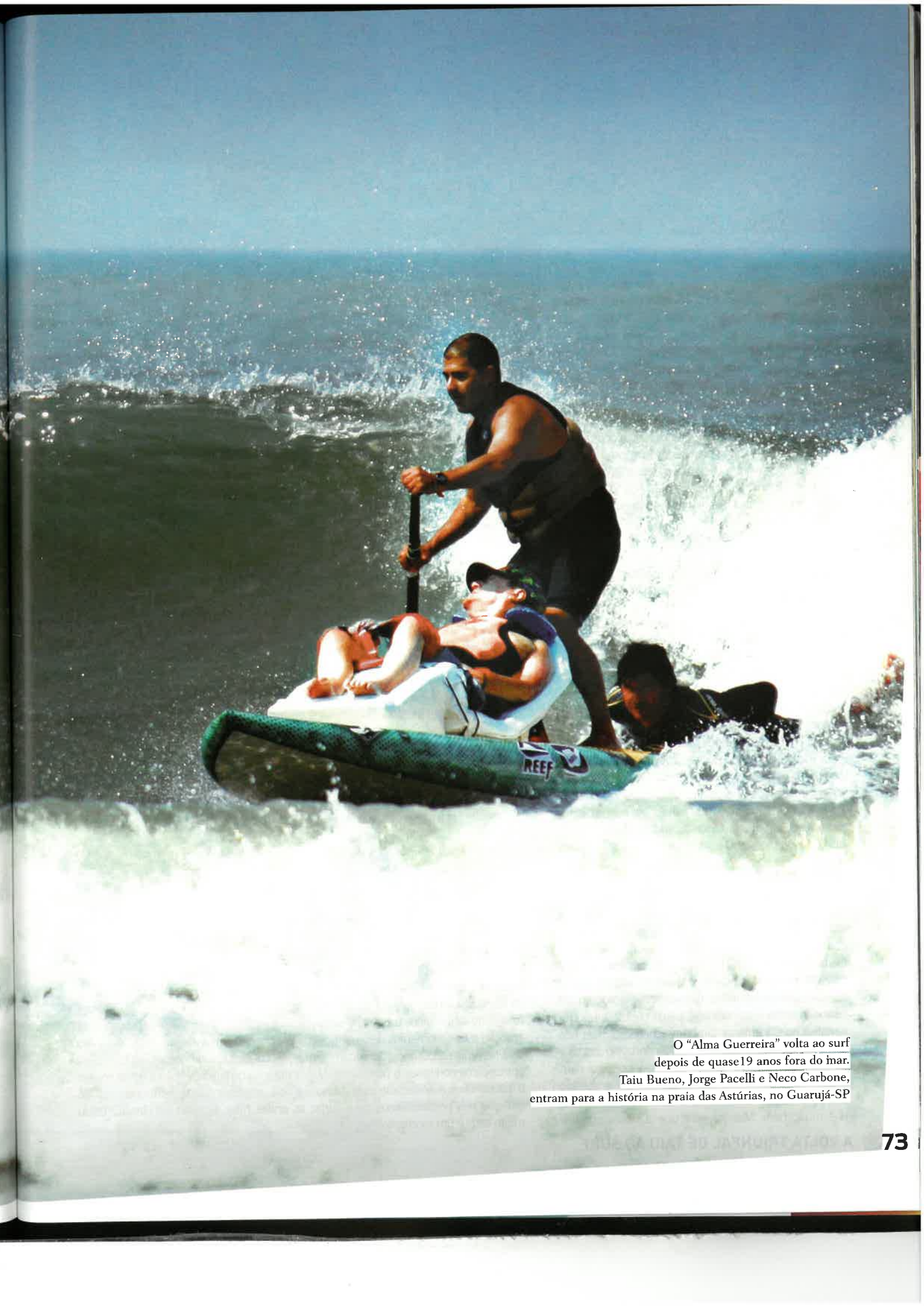
Gold Coast, Australia - Stalefish Out of Water

TAIU BUENO VOLTA AO MAR

A superação de um surfista de alma

Depois de quase 19 anos afastado das ondas devido a uma paralisia motora, Taiu Bueno sente a emoção de voltar a surfar: “A parada é louca! Estou colocando meu pescoço a prêmio de novo. Quero novos limites”.

Por **Mariano Kornitz**
Fotos **Marcelo Bicudo e Diana**



O “Alma Guerreira” volta ao surf depois de quase 19 anos fora do mar. Taiu Bueno, Jorge Pacelli e Neco Carbone, entram para a história na praia das Astúrias, no Guarujá-SP

"Estou colocando meu pescoço a prêmio de novo. E não quero nem saber, eu senti sensações que estavam apenas em minha memória. Quero novos limites, assim como a cura pra tudo isso." Taiu Bueno, um eterno surfista de alma

Depois de quase 19 anos afastado das ondas, o ex-campeão brasileiro de surf Octaviano "Taiu" Bueno rompeu a barreira que muitos acreditavam ser impossível. No último dia 13 de julho, voltou a deslizar sobre as ondas e emocionou a todos os que acompanharam esse momento histórico na praia das Astúrias, no Guarujá-SP.

Taiu Bueno é precursor do big surf nacional, em que durante anos consagrou o Brasil no cenário mundial, ao encarar as maiores ondas no Hawaii, além de conquistar inúmeros títulos em competições nacionais. Começou a surfar em uma prancha de isopor aos 11 anos, na praia de Pitangueiras, nesse mesmo Guarujá, e aos 13 anos viajou pela primeira vez com o avô para o Hawaii. Paixão à primeira vista. Aos 20 anos de idade, foi morar em Waikiki, onde passou a competir e não parou mais.

O ACIDENTE

Exatamente um mês antes de completar 29 anos, no dia 1º de novembro de 1991, Taiu sofreu um grave acidente que mudou radicalmente sua vida. Da onda quebra-coco que fechou com ele dentro na praia de Paúba, em São Sebastião, litoral norte de São Paulo, o surfista, que estava em sua melhor forma física, só se lembra da escuridão e da sensação de anestesia. Taiu havia fraturado a quarta vértebra cervical e traumatizado a medula óssea, o que causou paralisia motora dos ombros para baixo.

Depois de um bom tempo hospitalizado, Taiu voltou para a casa dos pais. Com o passar do tempo e um pouco da superação da angústia, começou a sair acompanhado de muitos amigos. Mas tudo isso ficou para trás no último dia 13 de julho, data que agora faz parte do calendário histórico do surf brasileiro. Dia em que Taiu Bueno voltou a sorrir de verdade.

O RETORNO

A volta de Taiu ao surf começou a ser planejada há alguns anos, mas parece que o dia certo para este reencontro tinha que ser naquela terça-feira, que começou com um incrível nascer do sol. Exatamente às 6h41, Taiu, acompanhado por Jorge Pacelli e Neco Carbone, dropou a onda que o recolocou novamente na história. Não durou muito tempo, mas foi o suficiente. É bem verdade que uma tentativa no dia anterior também aconteceu, mas fica o registro de 'andar sobre a linha da onda' no dia 13. "É muito sentimento junto, que não consigo nem explicar. É muita loucura. Primeiro, boiar no outside já é uma viagem. Estar de volta com a galera no mar já é muito bom. Mas na hora que o Neco remou e



dropamos a onda, nossa... Não preciso surfar as maiores para me deixar de cabeça feita. Agora vou começar a surfar direto, porque tem um monte de fissurados para me levar", disse o extasiado surfista.

Porém, com mais alguns dias, Taiu já caiu no mar por outras dez vezes (o portal almasurf.com publicou a volta de Taiu Bueno às ondas em primeira mão). Inclusive, ele já dropou ondas um pouco maiores e sentiu o gosto de alguns caldos, boiando à deriva até o resgate de algum brother. "A parada é louca, estou colocando meu pescoço a prêmio de novo. E não quero nem saber, eu senti sensações que estavam apenas em minha memória. Quero novos limites, assim como a cura pra tudo isso." Mesmo só conseguindo mexer a cabeça, Taiu nunca parou de pensar no surf e realizar projetos voltados ao esporte. Seja escrevendo suas memórias ou colaborando como colunista vitalício da revista ALMA SURF, além de outras publicações onde ele pratica o que chama de surf mental. Contudo: "Nada comparado ao que senti quando consegui dropar a primeira onda depois de tantos anos".

A PRANCHA E PILOTO

A prancha utilizada também foi muito bem planejada pelo shaper Neco Carbone, pelo big-rider Jorge Pacelli e pelo próprio Taiu, que dispensaram horas sobre o projeto do surf adaptado. Neco Carbone usou toda a sua experiência para desenvolver a prancha, enquanto Jordano Paiva e Alexandre Passos produziram um assento especial.

"Já fazia algum tempo que estávamos planejando a volta do Taiu ao surf. Mas não tínhamos certezas", fala Neco. O shaper explica que a prancha é uma adaptação de uma Tandem (onde surfam duas pessoas). Mas com uma diferença: enquanto Taiu fica colocado em um assento especial, Pacelli fica em pé com o remo e o shaper rema com os braços junto à rabeta da prancha.

"Conheço o Taiu desde os meus 10 anos de idade. O sonho dessa volta ao surf começou desde que ele se acidentou. Lembro que ele falava: "Um dia vou surfar de novo...". Estou muito feliz e emocionado por este momento. Acho que o Taiu rejuvenesceu uns 10 anos só neste dia de surf", disse Neco Carbone, logo depois da sessão histórica.

Amigo de longa data, o big-rider paulista Jorge Pacelli não conseguiu esconder a emoção e os sentimentos de ajudar o parceiro a recuperar a alegria. "Sou amigo do Taiu há mais de 30 anos. Já pegamos muita onda juntos em Waimea, entre muitos outros picos no Hawaii e no mundo. Mas a emoção de ajudar o Taiu a voltar ao surf é indescritível. A ansiedade ontem à noite e hoje, antes da queda, lembrava o tempo em que nos preparávamos para surfar as ondas mais sinistras no Hawaii. Estou muito feliz, é um momento mágico."



Mais uma onda...
Neco, o shaper; Pacelli, o paddle; Taiu, o surfista.
Lana, a golden retriever,
muita mais do que uma amiga



PROJETO QUERÔ

A volta de Taiu ao surf também faz parte das gravações do documentário *Aloha* do Projeto Querô, com foco no surf adaptado.

As Oficinas Querô são uma organização brasileira não governamental que utiliza o cinema como ferramenta de estímulo a novos talentos e dá voz a jovens que vivem em condições de alto risco social e econômico. Depois de acompanhar a luta de atletas no Rio de Janeiro e em Santos, os diretores Nildo Ferreira e Paula Luana Maia dos Santos escolheram Taiu Bueno para fechar esta história de luta e superação.

"Há dois anos, começamos a produzir o roteiro do filme *Aloha*. Nesse período tivemos a oportunidade de inscrever o roteiro no edital do Ministério da Cultura, e com muita sorte fomos contemplados. Através de muita pesquisa, descobrimos a história de surfistas com alguma deficiência locomotora, e não havia ninguém melhor do que o Taiu para exemplificar essa luta", comentou a diretora Paula Luana Maia dos Santos.

FIEL ESCUDEIRA

Uma personagem muito especial também fez parte desta história. Trata-se da cachorra Lana, uma cadela da raça Golden Retriever, que corria pela praia esbanjando alegria. "Cara, nunca tinha visto a Lana daquele jeito", disse Taiu Bueno. "Ela realmente podia expressar em movimentos o que eu estava sentindo. Estava alucinada, tentando subir na prancha e me acompanhar no mar. Tenho certeza que ela compartilhou da alegria que senti hoje."

SUPERAÇÃO!

Este foi só o começo de uma nova jornada. Taiu sabe que a paralisia não o impedirá de continuar no surf. É uma lenda viva do surf brasileiro de volta ao outside. Um outside onde ele vai remar mais longe ainda.

"Minha vida mudou completamente. Agradeço a Deus por me dar mais esta oportunidade. Percebi o quanto todo mundo vibrou com os drops maravilhosos que dei. É uma alegria de alma, parecida com a de uma vitória em um campeonato. Mas o maior crédito é da minha equipe toda. Não tenho palavras para expressar tanto sentimento."

Valeu, Taiu, você é uma inspiração para todos os surfistas do Brasil e do mundo! 🏄‍♂️

*Confira a reportagem exclusiva da volta do Taiu Bueno ao surf publicada em primeira mão pelo portal almasurf.com.br

FREESURF
SINCE **XX** 1990
TWENTY YEARS



SLACKLINE

Equilíbrio e concentração em movimento no Rio de Janeiro

Slackline é a arte de andar sobre uma fita de náilon com 2,5 cm de largura, uma nova forma da tradicional corda-bamba de origem circence, que surgiu entre as correntes do Parque Nacional de Yosemite, no Yosemite Valley, na Califórnia. Agora, a slackline virou a curtição dos novos tempos do Rio de Janeiro.

Na relação direta com o surf, os slackpoints são como picos de ondas perfeitas...

Por Diogo Barboza
Fotos Adelmo Noite

Hugo Langel van Havel surfa sobre as nuvens na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro. Highline de 28m de comprimento e 847m de altura. Equilíbrio e concentração em movimento



Os movimentos do corpo sobre a fita e a concentração do equilíbrio físico e mental fazem da slackline um grande fenômeno mundial de atividade recreativa, já que o desafio envolve mente, corpo e alma para manter o praticante estável sobre a fita para uma caminhada tranquila de forma controlada.

O repasse urbano da tradicional corda-bamba do circo foi difundido no anos 80 pelos escaladores Adam Grosowsky e Jeff Ellington, que se equilibravam sobre as correntes e cabos dos estacionamentos do Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia, EUA. O esporte rapidamente se tornou bastante popular entre os adeptos da escalada e outros aficionados do mundo inteiro, entre eles esportistas de boardsports, atraindo cada vez mais praticantes vindos do interior e das altas montanhas, e alcançou as áreas urbanas e praias litorâneas.

A tradução da palavra "slackline" é linha ou fita solta, até mesmo linha frouxa. Folgada, deve ser maleável, de forma a não se manter absolutamente rígida, mas com balanço para todos os lados e direções, mesmo bem esticada entre dois pontos de ancoragem. A forma como se apresenta a slackline permite que ela se classifique em duas especialidades mais populares – lowlining (fita baixa) e highlining (fita alta).

A fita baixa (lowlining) é a forma mais popular de montagem, pois pode ser praticada em qualquer lugar que tenha dois pontos de ancoragem (árvores, postes, coqueiros, etc). Nessa recreação, precisa-se de pouco equipamento para montar e corre-se pouco risco de quedas, o que permite ao praticante variar posições, manobras e acrobacias. Normalmente a fita deve ser esticada, a 30 cm ou 60 cm de altura do solo, sobre uma superfície macia e longe de arestas ou quinas, diminuindo as possibilidades de contusões.

A slack é variavelmente esticada de 7 a 15 metros de comprimento. As variações na forma de andar, altura, comprimento e superfície criam modalidades como a shortline, que é uma fita de 15 metros que fica esticada a 30 cm do solo e com 7 metros de comprimento. Essa é ideal para crianças e iniciantes que ainda não se acostumaram com os primeiros passos. Conforme o slacker for evoluindo e começar a ganhar confiança e habilidade, ele poderá subir a altura da slackline para 60 cm ou 1 metro de altura, e passar a usar de 7 a 15 metros de fita para fazer a trickline, realizando manobras e acrobacias na slack. Fitas longas, acima de 30 m de comprimento, são chamadas longlines e precisam de um controle mais elevado, o que exige mais força e equilíbrio, assim como equipamentos apropriados e certa experiência para a montagem. Esta só pode ser realizada por slackers de nível avançado, que montam inclusive sobre a água, as chamadas waterlines.

Visual da pedra da Gávea, Rio de Janeiro.
No Highline, Gidean Mello, na Serra da Tiririca,
Parque do Bananal: Garganta do Diabo

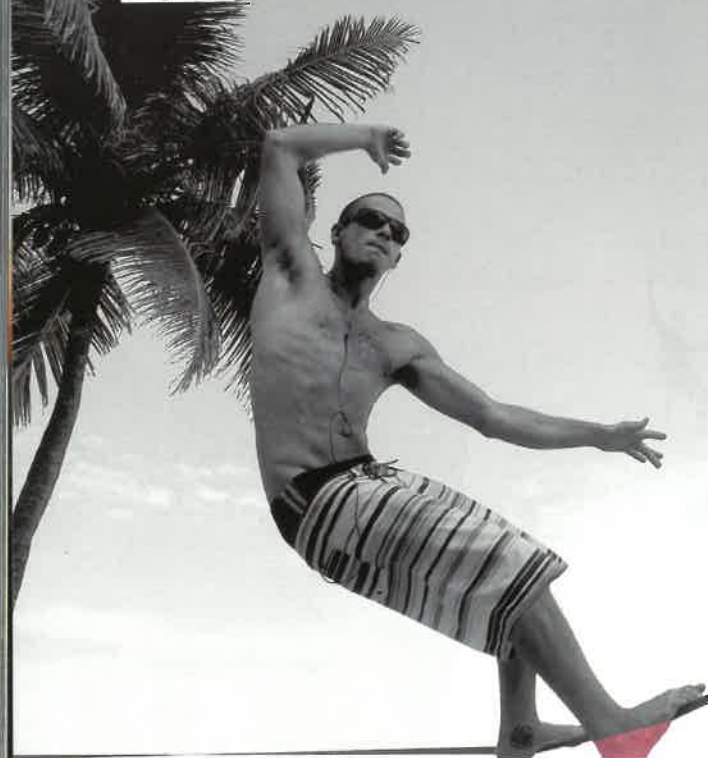


Quando se fala em highline tudo muda, vencer o limite do medo e se superar são os objetivos do desafio. Alguns dizem que é uma sensação de levitar no vazio. As highlines são mais perigosas devido ao risco de queda e da exposição à altura. A fita deve ser forte o suficiente para suportar a pressão de uma queda devida à tensão exercida, e os sistemas de montagem e segurança devem ser feitos por pessoas experientes, que possuam conhecimento em técnicas de alpinismo e tenham equipamentos apropriados.

Para realizar uma highline é preciso manter o foco em todo o percurso, atenção o tempo todo. Independentemente da altura, o praticante tem que manter a concentração, respiração, equilíbrio e força para conseguir manter-se na fita. Aqueles que buscam a superação através da highline e que procuram sempre um novo desafio realizam a prática por puro prazer e evolução pessoal, independentemente do perigo. Os mais destacados esportistas continuam sendo os grandes escaladores, que têm superado os limites na highline em até 1.000 m de altura, como é o caso do recorde mundial de highline, obtido na Noruega em 2006 por Christian Schou, e repetido depois por Aleksander Mork em setembro de 2007, entre outros que se seguiram.

Recordes e desafios começaram a surgir como água em cascata, como a mais longa Slackline montada, com 217 metros de comprimento, na Áustria, realizada por Michael Kemeter em 2009, contagem logo igualada também por Michael Aschaber. Os pioneiros nessas modalidades foram os escaladores Dean Potter, Larry Harpe, Ammon McNeely e Braden Mayfield, que buscaram seus limites superando distâncias e alturas. Outro pioneiro foi Heinz Zak, que, como escalador experiente e fotógrafo, superou seus limites nas montanhas da Europa, seguido por Damien Cooksey.

Hugo Langel van Erven, em pleno 'surf' no slackpoint em frente ao Country Club, em Ipanema



No Brasil, o esporte chegou junto com os escaladores brasileiros que tinham experiência em montanhas internacionais e costumavam passar a temporada no Parque Nacional de Yosemite, no Yosemite Valley, Califórnia, onde o esporte já estava bastante popular. Então, o esporte só chegou ao país por volta do anos 2000, popularizado pela escaladora Roberta Nunes (*in memoriam*), Ralf Côrtes, Eliseu Frechou e outros. Aliás, vale o registro de que foi nesse período que a escaladora Roberta Nunes conseguiu pela primeira vez atravessar uma das Highlines mais clássicas do Parque Rostrum, sendo a primeira brasileira a completar essa highline de 330 metros de altura. Roberta deixou seu legado na escalada e também na slackline, apresentando o esporte a um jovem escalador chamado Hugo Langel van Erven, que veio a ser um dos maiores highliners do Brasil, na busca da evolução pela slackline. Hugo Erven viu da janela de sua casa aquele que seria um de seus projetos mais ousados até então, atravessar a highline da Pedra da Gávea, uma travessia que inicialmente possuía 32 metros de comprimento e 840 metros de altura. O dia 14 de junho de 2007 entrou para a história da highline no Brasil, e logo depois o atleta conquistou novos desafios, como a highline do Pão de Açúcar, no Rio, e partiu para o exterior, caminhando pelos desafios de Rostrum e Lost Arrow Spire, localizado no Yosemite Valley, e se tornando o único brasileiro a atravessá-lo.

Atualmente Hugo dedica-se à escalada, slackline, highline e basejump, realizando viagens em busca das maiores montanhas do Brasil e do mundo, caminhando sobre a fita em várias partes do planeta, também como convidado em eventos de esportes de aventura, principalmente na Europa, conquistando respeito entre os maiores atletas e entidades do mundo. Com as façanhas de Hugo Erven pelo Rio de Janeiro e as imagens do documentário *Slack Brasil, a história da slackline*, os benefícios do esporte espalharam-se rapidamente pelo Brasil e para adeptos do esportes em todo o mundo.

Com o crescimento do esporte, surgiram diversos slackpoints, que são chamados assim por serem locais ideais para a prática. São como picos de ondas perfeitas que se formam em determinados lugares, onde amigos se encontram para praticar com a certeza de poder contar com aquela ondulação, ou, no caso da slackline, pontos de ancoragem perfeitos para armar uma slack com os amigos, próxima de uma sombra ou de circuitos para diversos tipos de slacklines e transições de um para o outro.

A slackline surge como um esporte que resgata um estilo de vida que promove uma evolução pessoal e, aliás, tem muito a ver com a praia. Desenvolve a concentração mental e as habilidades de equilíbrio e força, que são princípios básicos para o surf. Alguns fisioterapeutas perceberam no conceito da atividade uma forma de tratamento e prevenção de lesões. Na área de Educação Física, o fortalecimento da musculatura estabilizadora traz diversos benefícios para a saúde e o bem-estar.

Apesar de ter se originado e se difundido a partir de escaladores, a prática tem crescido rapidamente no Brasil, principalmente nas praias do Rio de Janeiro, que disseminou o esporte para outras praças, e em São Paulo, que tem o Parque Ibirapuera como principal slackpoint paulistano, além de investidas na Praça Roosevelt. Crianças, adultos, homens e mulheres de diversos esportes como o surf, skate, snowboard e escalada conseguem em pouco tempo reais melhoras de performance, aprimoramento nas atividades e habilidades mentais e físicas, aliviando o estresse, socializando grupos e ajudando e incentivando uns aos outros. No que se refere a esporte e meditação, praticar slackline requer força de vontade, foco e compromisso pessoal. A garantia que se tem é a de ficar viciado no controle mental e corporal. Minha dica, como um dos principais divulgadores da slackline no Brasil: "Procure um slackpoint próximo de sua casa e comece a praticar já. Vá surfar sobre a corda-bamba".

www.slacklinebrasil.ning.com
www.slackbrasil.com.br

**Assista no portal almasurf.com, o documentário *Slackline Brasil, equilíbrio e concentração*, direção de Diogo Barbosa. E uma seção extra de fotografias de *Slackline no Rio de Janeiro*.*

UM SHOW ESPECIAL

NIC
LAMB
BEM VINDO À CRIPTA
usando Heist
arnette
602
.COM

PEIXE E
GELO
→

SOUTH TO SOUTH VERÃO 2011

FAROL DE SANTA MARTA

Conceito Mauricio Fagundes
Fotos Marcos Vilas Boas

Alemão de Maresias veste "Magia",
camiseta decote V de malha Stone,
e "Arrastão",
calça jeans com elastano



Emerson Piai usa "Memories", camiseta de algodão; e "Areia" e "Simple", boardshorts.
Luiz Saraiva veste "Faça algo", camiseta feita com algodão orgânico.
Lis Leite veste "South to South", top e calça saruel em viscosa full print exclusiva Verão 2011



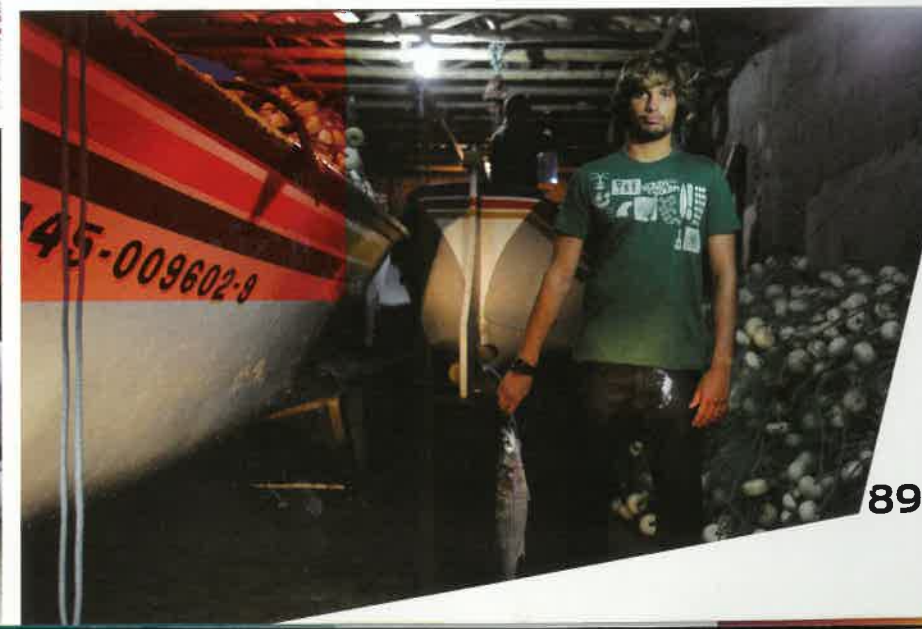
O sonho de todo surfista nasce na simplicidade, no prazer de surfar uma onda nova, de sentir o vento terral no rosto e ver uma parede lisa e infinita para ser desenhada. A South to South buscou inspiração no Farol de Santa Marta, nas suas dunas de areias brancas e ondas perfeitas, na simpatia de seus moradores e na sua cultura, para fazer surf e moda. Procuramos por meio do surf levar melhorias para este lugar tão especial de ondas, dias e energias inexplicáveis, e desfrutar do que há de melhor na praia. Quero agradecer aos moradores e pescadores, e a todos que nos ajudaram a tornar este sonho realidade. Surf é nossa vida.

Mauricio Fagundes - South to South
www.southtosouth.com.br

Lis Leite veste "South to South", vestido frente única em viscose full print Verão 2011.
 Rafaela Bertollo usa "South", biquíni tomara que caia e short saruel em linho e viscose Verão 2011
 Alemão de Mareasias veste "Categoria", camisa; e camiseta "love", e boardshort.
 Emerson Piai e Yagê Araújo usam wetsuit exclusivo "South to South", série limitada "ícones".
 Emerson Piai veste "Jaguacuna", calça jeans South to South, Verão 2011



► FAROL DE SANTA MARTA





CASA DE PRAIA

*arquitetura, design, paisagem
e planejamento de praia*

Casa feita para o mar

A casa à beira-mar da família do arquiteto surfista Marcio Porto, na reservada praia de Iporanga, no Guarujá, litoral sul de São Paulo, alia conforto, alta tecnologia e design aconchegante à natureza. O oceano é o elemento-guia de toda a concepção da construção, onde os espaços se fundem à brisa do mar.

fotos Maurício Pepê
texto Adriano Vasconcellos*

A casa de praia do surfista Márcio Porto fica em meio à exuberante Mata Atlântica, Iporanga, no Guarujá. O respeito à natureza foi o princípio básico. A adaptação à paisagem é o mote da construção à beira-mar. A escultura no centro da sala principal lembra canoas havaianas

"Iporanga é um refúgio pessoal. Não existe nada melhor do que cair no mar na praia de Iporanga e ir remando até as ondas de Taguaíba ou São Pedro. É uma verdadeira limpeza física e mental." Marcio Porto



A casa de praia da família do surfista Márcio Porto fica estrategicamente localizada na praia de Iporanga, um condomínio preservado em meio à exuberante Mata Atlântica, no município do Guarujá, litoral Sul de São Paulo, próximo do fim da estrada, junto da balsa de Bertiooga.

O desenho do projeto, de 600m² de área construída, permite uma belíssima visão do horizonte, espaço recortado pelo oceano, entre as também fechadas praias de São Pedro e Taguaíba, oásis reais no pólo semiurbano em que se transformou a região do Guarujá. O arquiteto surfista conta que a casa ficou pronta em 10 anos: "Depois de muitos rabiscos no projeto, os recortes estratégicos foram acentuados para acompanhar a linha da costa oceânica", diz o surfista, que é apaixonado pelo mar.

Márcio, 38 anos, filho do renomado arquiteto Sidônio Porto, tem uma intensa ligação com o surf. Acumula temporadas no Hawaii, Indonésia, Maldivas, Costa Rica, Peru, e já morou na Califórnia por dois anos em períodos distintos, onde brinca que foi 'caicara de San Diego, conhecedor nato das ondas perfeitas em fundos de pedras de Sunset Cliffs'. O surfista também passou uma temporada em Nova York, onde conheceu as ondas de Nova Jersey. Porém, o amor a São Pedro é evidente. "É um refúgio pessoal. Não existe nada melhor do que cair no mar na praia de Iporanga e ir remando até as ondas de Taguaíba ou São Pedro. É uma verdadeira limpeza física e mental."

O respeito à natureza foi o princípio básico, desde o primeiro momento, do que se transformou em uma casa arejada e clean. A transparência e adaptação à paisagem são o mote da construção da casa de veraneio à beira-mar, em um terreno que ocupa uma área de 1.500 m² e se abre para os ventos dominantes e para a mais confortável isolamento possível. A aparência da concepção visual da casa lembra a arquitetura colonial brasileira, com alguma inclinação a tendências orientais.

Os vidros são predominantes em qualquer dos lados, o que garante a luminosidade natural, que penetra na casa por frestas de luz entre os vários desníveis do telhado, proporcionando certo movimento à estrutura feita em madeira cumaru, tal como o próprio balanço da maré.

Ligeiramente erguido do chão, o projeto fica livre da umidade típica da região, em ambientes pensados com aberturas de duas faces para facilitar a ventilação. "A idéia de integrar a casa ao meio ambiente foi nossa melhor escolha, pois agora temos a sensação de fazer parte do todo."

O mobiliário acompanha o tom claro e comportado no uso das cores, que aparece com mais destaque em poucas esculturas, escolhidas pela paisagista matriarca da família, Lúcia Porto, que opta também pela adequação à natureza. "A escultura de Paulo Tender, que remete às canoas havaianas e aos cavalitos de totora, traz ainda mais tranquilidade à casa, por serem meios de transporte totalmente ancestrais e sustentáveis. Por isso escolhemos a obra de arte."

Espécies nativas da restinga, como a grama-santo-agostinho, o jundu, bromélias e orquídeas, decoram naturalmente o ambiente. E o charme fica por conta da areia branquinha da praia, que, onde a vegetação não cobre, fica delicadamente cultivando novos designs em Iporanga, que é uma delícia. 🌿

**Confira mais fotos da casa de praia dos arquitetos Sidônio, Lúcia e Márcio Porto em Iporanga, no Guarujá-SP, acompanhadas de um artigo sobre sustentabilidade escrito pelo arquiteto Márcio Porto – no portal almasurf.com.*

**Referências de conceito, Simone Sayegh – revista Arquitetura e Urbanismo, junho de 2005; e Daniela Lapetina, revista Vero, maio de 2010.*

AGORA TODA VEZ QUE A ONDA QUEBRAR
VAI DOER. NELAS.

www.intenergydrink.com.br



TEAM TNT. NASCIDO PARA DETONAR
TNT DETONE



▶ **TEAM TNT EXTREME SURF RODRIGO RESENDE**
Campeão do 1º Tow In World Cup (Hawaii), tricampeão do Big Trip e campeão mundial de ondas grandes por equipe.



SURF COSMICO
por
Taiu Bueno

Surf Eterno Go Taiu!

Dez anos do novo milênio já se foram. Nós, surfistas, continuamos a nossa caminhada nesta vida, sentindo a interminável vontade de surfar e esperando a próxima oportunidade.

Quando se trata de sentimento da alma, eu sou uma experiência e testemunho único dessa fissura de deslizar numa onda. Depois de não poder surfar por mais de 18 anos, e não por minha opção, o sentimento e a alegria de inesperadamente voltar a surfar e sentir essa vibração novamente me mostrou que essa felicidade aqui na terra não existe em nenhum outro lugar. Felizados são aqueles que tem o brilho do surf nos olhos. Nós, que ainda continuamos vivos neste planeta maravilhoso, temos a sorte de podermos continuar dividindo uma das mais saborosas criações de Deus – o mar. Seja um dia fora d'água, admirando a beleza, o poder e a plasticidade das ondas... Alguns desses dias quando as condições fogem das nossas humanas limitações, ou aquele dia convidativo, perfeito, suave e cheio de oportunidades para satisfazermos o nosso apetite de desfrutar os momentos mágicos. A adrenalina, o sentimento inexplicável que nos desperta quando a prancha embala na remada e começa então o rush do drop... Sim, depois de todos estes anos, eu e vocês continuamos na eterna e incansável busca do próximo swell e da onda perfeita.

A história vai acontecendo através dos anos. Swells épicos, surfistas extraordinários, modelos de pranchas, personalidades, drops, manobras, tubos e títulos acontecem



Superação! Taiu Bueno levanta a Taça no Festival Brasileiro de Ubatuba, no início dos anos de 1980, o mais importante evento de surf do Brasil na época.
Go Taiu!

O meu sentimento é de muita alegria por fazer parte da ALMA SURF como colunista. Num período da minha vida de alma pura e inflexões que chamei de Surf Cósmico. Hoje, depois de dez sessões maravilhosas e inesquecíveis de surf, principalmente agora pela minha fé e experiência em Jesus, a coluna passa a se chamar Surf Eterno.

organizadores dos campeonatos eram conhecidos, pessoas de alma surf que sempre me convidavam para participar e me remuneravam, sem discriminação. Quando o surf cresceu e a organização saiu do controle das pessoas da raiz do esporte, eu senti a exclusão. Neste mundo competitivo e de resultados corporativos, infelizmente os convites são raros... Mas ainda existem. Curtição era escrever sobre o surf e minhas aventuras, até que as minhas limitadas histórias se esgotaram. Nos dez anos seguintes, eu fui acolhido pelo nascimento da revista ALMA SURF e junto com ela o Surf Cósmico, onde eu escrevo desde a edição número 1 sobre a pureza, a essência e a alma do surf. Depois desta minha alegre volta ao surf, no último mês de agosto, de uma maneira tecnológica e adaptada, de irmandade mesmo, sou um dos surfistas mais realizados deste planeta. Já pensei em mudar o nome da coluna, de Surf Cósmico para algum outro nome. Hoje, depois de tudo isso, com apenas oito sessões maravilhosas e inesquecíveis, do nosso novo estilo de surfar, o único outro nome que poderia ser, principalmente agora pela minha fé e experiência em Jesus – Surf Eterno. Aloha & mahalo
Taiu

#ricosurf



PERRENGUE É NOSSO
Drop É SEU

Chuva, sol, vento ou frio. Não importa!
O boletim das ondas atualizado todos os dias pra você.



Rico surf.com
Sua onda começa aqui

Anuncie no Ricosurf.com e fale com 650.000 visitantes mensais.
(21) 2438-4096 / 2438-1821

Foto: Paulo Henrique Costa Blanca

"Surfar é

Compartilhar o silêncio das palavras ausentes, interrompido apenas pelo ruído da parafina sendo esfregada pra lá e pra cá na prancha. São momentos efêmeros de paixão e de gozo que representam dias, meses e anos de tempos e experiências destilados. Uma loucura muito especial, uma simbiose com o mar, que é uma raríssima combinação de amor, conhecimento, respeito e medo"

Frederick Wardy, surfing mag.



São Paulo
Moema - 11 5561 1504
Eldorado - 11 3812.1030
Vila Lobos - 11 3022.2657
West Plaza - 11 3873.9349
Morumbi - 11 5181 1540
Bouton Pompéia - 11 3676.5374

São Bernardo do Campo
Metrópole - 11 4124.7558

Mogi das Cruzes
Mogi Shopping - 11 4799.9238

Brasília
Brasília Shopping - 61 3328.0113

Campinas
Iguatemi - 19 3294.5301
Parque D. Pedro - 19 3756.0917

São José dos Campos
Colinas - 12 3921.3330

Guaruja
Praia das Pitangueiras - 13 3323.6963

Praia Grande
Litoral Plaza - 13 3474.2261

Florianópolis
Iguatemi - 48 3239.8333

Balneário Camboriú
Centro - 47 3367.9545

Curitiba
Paladium - 41 3212.3607
Crystal Plaza - 41 3092.8555

Criciúma
Centro - 48 3048.6761

Rio de Janeiro
Rio Sul - 21 2543.2344
Borá - 21 2431.9109
Plaza Niterói - 21 2719.8691
Norte Shopping - 21 2693.3883
Lublun - 21 2249.0623

Loja Virtual
www.starpoint.com.br/index

Breve
Palmas - Shopping Capim Dourado - TO
São Paulo - Shopping Mas Jargo - SP
São Paulo - Shopping Garcia Vianna - SP
Joinville - Shopping Gaiteiro Joinville - SC

STAR POINT
for real surfers

Franquias - 11 5053.4365
www.starpoint.com.br



OSKLENSURFING